



Programação e livro de resumos do
**III Encontro Transdisciplinar de História e
Comunicação**

História Cultural

e

Semiótica da Cultura

Amálio Pinheiro
Danielle Gaspar
Nataniél Dal Moro
Yvone Dias Avelino
Organizadores

São Paulo, SP, Brasil
2011

Programação e livro de resumos do
III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura

Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação (n. 3.:
2011 nov. 16-18 : São Paulo, SP)

Programação e livro de resumos do 3. Encontro
Transdisciplinar de História e Comunicação / orgs. Amálio
Pinheiro, Danielle Gaspar, Nataniél Dal Moro, Yvone Dias
Avelino.

– São Paulo: Fundação São Paulo, 2011.

85 p. ; il. ; 29 cm

Bibliografia.

1. História – Congressos. 2. Comunicação – Congressos. 3.
Semiótica – Congressos. 4. Cultura – Congressos.

I. Pinheiro, Amálio. II. Gaspar, Danielle. III. Moro, Nataniél Dal.
IV. Avelino, Yvone Dias. V. Grupo de Pesquisa Comunicação e
Cultura: Barroco e Mestiçagem. VI. Núcleo de Estudos de
História Social da Cidade. Programa de Estudos Pós-
Graduados em Comunicação e Semiótica. Programa de
Estudos Pós-Graduados em História.

I. Título : História cultural e semiótica da cultura.

CDD 302.2306
306.406
906

ISBN 978-85-60453-24-5



9 788560 453245

**Programação e livro de resumos do
III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Grão-Chanceler: Dom Odilo Pedro Scherer-Arcebispo Metropolitano de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Dirceu de Mello
Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Vico Mañas
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Dr. André Ramos Tavares

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica
Coordenador: Prof. Dr. Eugênio Trivinho
Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Lucrécia D'Aléssio Ferrara

Programa de Estudos Pós-Graduados em História
Coordenadora: Profa. Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto
Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz

Comissão organizadora:

Amálio Pinheiro
Danielle Gaspar
Jurema Mascarenhas Paes
Laís Lopes
Mila Goudet
Nataniél Dal Moro
Orlando Garcia
Sílvia Regina de Jesus
Yvone Dias Avelino

Comissão científica:

Amálio Pinheiro
Jurema Mascarenhas Paes
Luís Fernando dos Reis Pereira
Mila Goudet
Nataniél Dal Moro
Yvone Dias Avelino

Secretário:

Carlos Danilo Oliveira Lopes

Programadores visuais e gráficos:

Danielle Gaspar
Nataniél Dal Moro

Realização:

Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem e Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC), ambos da PUC-SP, vinculados respectivamente aos Programas de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica e em História.

**Programação e livro de resumos do
III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

SUMÁRIO

Apresentação	5
Os grupos de pesquisa.....	7
Programação.....	9
Quarta-feira, 16 de novembro de 2011	9
Quinta-feira, 17 de novembro de 2011	11
Sexta-feira, 18 de novembro de 2011.....	14
Livro de resumos.....	17

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

APRESENTAÇÃO

O III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura foi realizado nas dependências da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Campus Perdizes, entre os dias 16 a 18 de novembro de 2011, e é fruto do empenho de várias pessoas que se aglutinam, em particular, em dois grupos de pesquisa.

O Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC), criado em 1991, é coordenado pela Professora Yvone Dias Avelino, do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Já o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem, é coordenado pelo Professor Amálio Pinheiro, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Ambos os grupos estão registrados e certificados no Diretório de Pesquisa do CNPq há vários anos.

A parceria para a realização do evento ocorreu, efetivamente, no ano de 2008. A temática, à época, foi: Cidade, Barroco e Mestiçagem. Pesquisadores de ambos os grupos e áreas afins participaram do evento que marcou, concomitantemente, também o lançamento da Revista Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade, do NEHSC. No ano seguinte, a problemática urbana e suas implicações agravadas, transformadas ou apenas parcialmente alteradas em sua constituição objetiva e simbólica tornaram-se o eixo de discussão do encontro, a saber: Séries Urbanas: conflito e memória.

Em 2011, em sua terceira edição, com a finalidade de permitir a troca de conhecimento e a disseminação do que vinha sendo estudado no campo da Comunicação e da História, decidiu-se concentrar as atenções de ambas as áreas para os campos da História Cultural e da Semiótica da Cultura.

Não obstante, essa atividade acadêmica se propôs a oferecer um espaço de debate e de discussão a objetos que transitam no olhar investigativo centrados, em específico, na História Cultural e na Semiótica da Cultura, e a estreitar e intensificar os diálogos já existentes entre estes dois campos do saber, por vezes muito próximos em

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

seus temas, objetos e sujeitos, mas também ainda muito distantes no que se refere às reflexões teóricas que norteiam as análises dos pesquisadores da História e da Comunicação.

O III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação materializa a proposta de um espaço para debate acadêmico focado no corpo discente, composto não só por aqueles que estão desenvolvendo suas pesquisas, ou em fase de conclusão, mas também para àqueles que são egressos. Dessa maneira, o público-alvo centra-se em pesquisadores do campo da Comunicação, da História e de áreas afins das Ciências Humanas e Sociais.

Quanto aos objetivos gerais, o evento se propôs a: 1º) promover um ambiente de intercâmbio de conhecimentos a fim de contribuir nas reflexões dos nortes epistêmicos comuns aos investigadores do campo da Comunicação e da História; 2º) incentivar o debate transdisciplinar; 3º) reforçar a integração entre os grupos de pesquisa e a comunidade acadêmica em geral, mas sobretudo da pós-graduação; 4º) divulgar pesquisas em desenvolvimento e/ou concluídas e 5º) gerar produção científica, sendo esta divulgada nas revistas eletrônicas Cordis e Algazarra, que integram os grupos de pesquisa proponentes.

Quanto aos objetivos específicos, o evento se propôs a: 1º) reforçar o envolvimento dos participantes de ambos os grupos de pesquisa na promoção, organização e execução de evento de carácter acadêmico no ambiente desta Universidade e 2º) fortalecer o vínculo com pesquisadores egressos.

Os resumos ora publicados externam parte de uma pluralidade de visões de mundo e sinalizam que tais debates são profícuos para o conhecimento, tanto da Comunicação como da História, entretanto, indicam também, e isso é muito positivo, que ainda é preciso construir inúmeras outras reflexões, sobretudo tensionando afirmações teóricas já tradicionais destes e de outros campos do saber, equivocadamente concebidos como “verdade”.

São Paulo-SP, novembro de 2011
Danielle Gaspar
Nataniél Dal Moro

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura

OS GRUPOS DE PESQUISA

GRUPO DE PESQUISA COMUNICAÇÃO E CULTURA: BARROCO E MESTIÇAGEM

Contato virtual: <http://barroco-mestico.blogspot.com>

A cultura não pode ser vista como um projeto cumulativo na direção de um coroamento linear no futuro, mas como uma rede de conexões entre séries, cuja força de fricção e engaste ressalta a noção de processos dentro de sua estrutura. Daí a importância de se mostrar como certos processos civilizatórios têm o seu modo de conhecimento fundado numa especial relação material entre séries culturais concretas que constituem ao mesmo tempo relações entre sistemas e subsistemas de signos. Tais processos se constituem especialmente a partir de três categorias antropossociais, fundantes e interdependentes: o migrante, o mestiço e o aberto. A primeira determina a mobilidade e a montagem produtivas entre códigos e linguagens antes inimigas ou heterogêneas; a segunda trata de engastar mosaicos de alta complexidade, oriundos das mais diversas e divergentes culturas, indo além das identidades; a terceira exacerba as relações entre natureza e cultura, entre o dentro e o fora, entre a casa e a rua. Do micro ao macro, várias combinatórias podem ser montadas, a partir de séries culturais em processo: por exemplo, oralidade, culinária, louçaria, mobiliário, arquitetura, espaço urbano. Retículas luminosas permeiam sistemas culturais intermediários, como mercados, ruas e igrejas, com conexões, engastes e labirintos que se renovam nas pedrarias e arabescos de prateiros e ourives ou então nas constelações de sílabas, em corpúsculos pictóricos, nas diagramações de jornal ou nas telas de vídeo ou cinema.

REVISTA ALGAZARRA: Revista Eletrônica de Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem <http://revistas.pucsp.br/index.php/algazarra>

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL DA CIDADE (NEHSC)

Contato virtual: nehsc_cordis@pucsp.br

O NEHSC, em seus mais de 15 anos, produziu vários Eventos, Encontros Científicos, Congressos Nacionais e Internacionais, Publicações, Exposições, Simpósios, Seminários, Debates, Dissertações, Teses, cursos em Graduação, Pós-Graduação (Lato/Strito Sensu), Convênios, Intercâmbios em universidades latino-americanas, espanholas e desdobramentos em Salvador e Fortaleza. 2002: realizou em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de SP o evento 25 Anos de Invasão da PUC SP, homenageando Dom Paulo Evaristo Arns com a Comenda Dom Helder Câmara, oferecida pela Sociedade Cearense de Cidadania de Fortaleza. 2003: após 2 anos de pesquisa sobre As Transformações Urbanas e Sociais da Cidade de São Paulo, em parceria com o Museu de Saúde Pública Emílio Ribas e financiada pela FAPESP em Políticas Públicas, com 11 bolsas de Iniciação Científica, teve como resultado o site www.misp.pucsp.br. 2004: em comemoração aos 35 anos de Pós-Graduação da PUC-SP apresentou a história da Universidade em Mesa Redonda e exibiu um videoclipe com imagens, depoimentos e homenagens àqueles que construíram a Pós-Graduação. Iniciou uma pesquisa intitulada Vila Madalena: Um Bairro Eclético, em parceria com o Centro Cultural Vila Madalena, produzindo exposições e mesas redondas. 2005: retomou o projeto Universidade, Memória e Sociedade, sobre a História da PUC-SP nos seus 60 anos, que resultou em uma exposição permanente nas rampas de acesso ao Prédio Bandeira de Mello, além de várias palestras sobre o assunto. 2006: iniciou a pesquisa O Canto das Cantinas, que busca recuperar o processo cultural e histórico das famílias de imigrantes italianos em São Paulo, através da gastronomia. 2008: promoveu o I Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: Cidade, Barroco e Mestiçagem, em parceria com o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem; a segunda edição ocorreu no ano seguinte e a maior parte dos textos foi publicada nos números 3 e 4 da Revista Cordis. 2009: lançou o livro “Polifonias da cidade”, coletânea de artigos resultantes das pesquisas de seus integrantes. 2011: publicou o livro “Olhares cruzados”.

REVISTA CORDIS: Revista Eletrônica de História Social da Cidade

ISSN 2176-4174 <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis> Contato virtual: revistacordis@pucsp.br

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:

História Cultural e Semiótica da Cultura

PROGRAMAÇÃO

Dia: 16 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100

Horário: 10 às 12 horas

ABERTURA

- Palestrante: Professor Dr. Amálio Pinheiro, pinheiro@pucsp.br
Líder do grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Investiga as relações entre as áreas de literatura, comunicação e cultura na América Latina. Tem produzido ensaios e traduções comentadas de autores hispânicos, da América Latina e do Caribe. Desenvolve investigações sobre as relações entre a memória cultural, as artes e as ciências não clássicas, com ênfase nas conexões e ramificações entre voz, poema, corpo e séries culturais. Publicou, entre outros, “Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça” (1995), “Motivos de son: Nicolás Guillén” (1990) e “Sobre os anjos”, tradução de Rafael Alberti (1993).

- Palestrante: Professora Dra. Yvone Dias Avelino, yvonediasavelino@uol.com.br
Líder do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC)

Doutora em História Econômica pela USP e Professora Titular no Departamento de História da PUC-SP, onde atua como docente desde 1971. Integra as Comissões Consultivas e Editorias das seguintes Revistas: Oralidades - Revista de História Oral (USP); Práxis - Revista Eletrônica de História e Educação (Universidade Jorge Amado - Salvador); Projeto História (PUC-SP); Aurora - Revista Eletrônica de Arte, Mídia e Política (PUC-SP). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América, atuando principalmente nos seguintes temas: Cidade, Cultura, História, Memória e Literatura. É editora da Revista Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis>. Publicou textos e/ou organizou várias obras, sendo as mais recentes “Deslocamentos & história: os portugueses” (2008), “Nas duas margens: os portugueses no Brasil” (2009), “Polifonias da cidade: memória, arte e cidade” (2009), “História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista” (2010), “Entre mares: o Brasil dos portugueses” (2010) e “Olhares cruzados: cidade, história, arte e mídia” (2011).

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Dia: 16 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100

Horário: 14 às 17 horas

MESA COM PALESTRANTES CONVIDADOS

TEMA: Diálogos entre teorias da MESTIÇAGEM

Coordenação: Mila Goudet

FLOR AMOROSA DE TRÊS RAÇAS TRISTES: O MITO DAS TRÊS RAÇAS

Palestrante: Alberto Luiz Schneider

Graduado em História pela UFPR (1997), mestrado em História pela PUC-SP (2000), doutorado em História pela UNICAMP (2005) e pós-doutorando no departamento de História da Universidade de São Paulo, sob supervisão da Profa. Dra. Laura de Mello e Souza. Foi *Visiting Associate Professor* no Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Tokyo University of Foreign Studies (2004-2007) e tem pós-doutorado no *Kings College London* (2008). Área de atuação: Historiografia e História do Império português; teoria da história e historiografia Brasileira; tendo desenvolvido estudos sobre mestiçagens, identidades, Sílvio Romero, Gilberto Freyre, imigrações, nacionalismos. Atualmente pesquisa a obra do historiador inglês Charles Boxer, sob a perspectiva dos novos debates em torno do Império Português.

REPENSAR A MESTIÇAGEM PARA PENSAR O DESENVOLVIMENTO DO NEGRO

Palestrante: Bas'Illele Malomalo

Graduado pelo Curso Superior de Filosofia no Philosophicum Grand Séminaire François Xavier (RD Congo) (1995). Possui graduação em Teologia pelo ITESP (2002), mestrado em Ciências da Religião – área de concentração Ciências Sociais e Religiao – pela UMESP (2005) e doutorado em Sociologia pela UNESP (2010). Atualmente é professor no curso de História da UNICASTELO e coordenador do curso de Especialização em História da África e do Negro no Brasil; fundador e membro da Diretoria Executiva do Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil (IDDAB); pesquisador do Centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN-UNESP) e do Harriet Tubman Institute for Research on the Global Migrations of African Peoples (York University, Toronto). Tem desenvolvido estudos sobre os temas de sociologias das relações raciais, multiculturalismo, desenvolvimento, política públicas de ações afirmativas, religião, ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

LUIZ GONZAGA: MÚSICA E MESTIÇAGEM

Palestrante: Jurema Mascarenhas Paes

Doutora em História Social pela PUC-SP (2009), membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC) e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem e cantora.

MESTIÇAGEM E SEMIÓTICA DA CULTURA COMO INSTRUMENTO PARA A INVESTIGAÇÃO DOS GIBIS ESTADUNIDENSES DE SUPER-HERÓIS

Palestrante: Luís Fernando dos Reis Pereira

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2010), membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem e escritor.

Dia: 17 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100

Horário: 9 às 12 horas

GT 01 CULTURA, CIDADE E IMAGINÁRIOS

Coordenador: Luís Fernando dos Reis Pereira

Este GT apresenta pesquisas que se relacionam com o universo das culturas e imaginários das cidades. Entende-se cultura como uma categoria móvel, que se reconstrói e transforma no cotidiano, possibilitando o desenvolvimento de conurbações dentro de uma mesma cidade e de inúmeros imaginários individuais e coletivos.

- **Sessão 01 (9 às 10h30)**

O ICONOSTASIS PAULISTANO: MEDIAÇÃO CULTURAL DAS IGREJAS ORIENTAIS NA METRÓPOLE

Autor: Felipe Beltran Katz, mestrando em História pela PUC-SP.

SÃO JORGE DOS ILHÉUS E SÃO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS: CIDADES MIDIÁTICAS DE JORGE AMADO E A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO NO IMAGINÁRIO

Autor: Dirceu Martins Alves, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, docente do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)/Ilhéus e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

UMA CIDADE (IN)CIVILIZADA: ELITE, POVO COMUM E VIVER URBANO EM CAMPO GRANDE (DÉCADAS DE 1960-70)

Autor: Nataniél Dal Moro, doutorando em História pela PUC-SP e membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC).

A CIDADE E OS DOCUMENTÁRIOS IPESIANOS: QUANDO COMO E ONDEM IMPORTAM

Autora: Danielle Gaspar, mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, docente em Pesquisa Científica na Escola Brasileira Israelita Chaim Nachman Bialik e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

• **Sessão 02 (10:30 às 12h)**

LENDAS E EXPRESSÕES POPULARES NO UNIVERSO DA FOLKCOMUNICAÇÃO EM MINAS GERAIS

Autora: Neide Aparecida Marinho, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

OS SOTAQUES CORPO EM MOVIMENTO – UM PROCESSO DE TRADUÇÃO EM TRÂNSITO ENTRE AS ESPACIALIDADES DO CORPO E DO AMBIENTE

Autora: Lisani Albertini de Souza, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

A IMAGEM DO ÍNDIO NA CÂMERA DO VÍDEO

Autor: Orlando Garcia, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

CÓDIGO E LINGUAGEM NA DANÇA DE SALÃO

Autor: Vagner Rodrigues, doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

Dia: 17 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100

Horário: 14 às 17 horas

GT 02 CULTURA, MESTIÇAGEM E AMBIENTES MIDIÁTICOS

Coordenadora: Mila Goudet

Este GT acolhe produções que revelem conexões mestiças de regiões, territórios, locais ou localidades com ambientes midiáticos. Tais ambientes são o lugar de mediação entre as mestiçagens culturais e as mídias. Trata-se aqui de observar o lugar tradutório entre as séries culturais (seus códigos e linguagens), os ambientes midiáticos, as diversas mídias e os processos comunicacionais.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

- **Sessão 03 (14 às 15:30 horas)**

O QUE MEDIA O CORPO QUE DANÇA: TENSÕES ENTRE O LOCAL E O GLOBAL DOS VIDEODANÇAS PRODUZIDOS NA CIDADE DE FORTALEZA (CE)

Autora: Liliane Luz, mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

MESTIÇAGENS PELAS ONDAS SONORAS: A INSCRIÇÃO DO RÁDIO NA CULTURA MISTIÇA DO PANTANAL

Autora: Rosiney Isabel Bigatão, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

O JOGRAL É JORNAL: DEVORAÇÕES DAS/NAS “ACONTECÊNCIAS” DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA

Autor: Hiran de Moura Possas, doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

FLUXOS EM TRÂNSITO: O TELEFONE CELULAR E SUAS TRADUÇÕES NO TRANSPORTE PÚBLICO DE SÃO PAULO EM APAGÕES DE DESLOCAMENTO URBANO

Autora: Elaine Souza Resende Sklorz, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

- **Sessão 04 (15:30 às 17 horas)**

FORMAÇÕES MUSICAIS ACÚSTICAS E TECNOLÓGICAS NA AMAZÔNIA

Autora: Marlise Borges, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

SUPER-HERÓIS: AS ESFERAS ÉPICAS E OS ESPAÇOS COTIDIANOS

Autor: Luís Fernando dos Reis Pereira, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

A AMÉRICA LATINA NO DISCURSO DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL: UM QUESTIONAMENTO SOBRE O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO AGENTES DE MUDANÇA

Autora: Maria Lucia de Paiva Jacobini, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

A QUESTÃO DA ESCUTA NO ESPAÇO URBANO

Autora: Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pesquisadora do Grupo Comunicação e Cultura do Ouvir da Faculdade Cásper Líbero.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Dia: 18 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100 A

Horário: 9 às 12 horas

GT 03 CULTURA, PRÁTICAS NARRATIVAS E HISTÓRIA

Coordenador: Nataniél Dal Moro

Este GT reúne trabalhos que abordam conceitos sobre as linguagens e suas funções no campo da Comunicação e da História. Em específico, os estudos no campo da literatura tem contribuído para se pensar a comunicação e a história como processo que ocorre via inúmeras práticas narrativas. Dessa maneira, o GT propõe-se a apresentar pesquisas, concluídas ou em desenvolvimento, que se utilizam de fontes literárias e de outras formas de expressão para desdobrar reflexões a respeito das práticas culturais.

- **Sessão 05 (9 às 10:30 horas)**

**“HÁ FLORES EM TUDO QUE EU VEJO” – A REPRESENTAÇÃO DA FLOR
REALIZADA PELA JUVENTUDE ROQUEIRA DOS ANOS 80**

Autor: Gustavo dos Santos Prado, mestrando em História pela PUC-SP.

**ALMA DOS CAMINHOS – HISTÓRIA DO TROPEIRISMO NO ALTO SERTÃO
BAIANO**

Autora: Jurema Mascaranhas Paes, doutora em História Social pela PUC-SP e membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC) e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem.

A CRÍTICA SOCIAL NA OBRA DE RAUL SEIXAS

Autora: Cibele Simões Ferreira Kerr Jorge, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

- **Sessão 06 (10:30 às 12 horas)**

**OS AMBIENTES MIDIÁTICOS PROPAGANDO A CULTURA MISTIÇA DE MATO
GROSSO DO SUL**

Autores: Ednaldo de Souza Rocha, especialista em Produção Audiovisual-Estéticas Contemporâneas pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Gicelma da Fonseca Torchi-Chacarosqui, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e docente da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

**O CINEMA COMO EXPRESSÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS: AS VIVÊNCIAS NO
PÓS-SEGUNDA GUERRA NO FILME LADRÕES DE BICICLETA (LADRI DI
BICICLETI) DE VITTORIO DE SICA**

Autor: Marcelo Flório, pós-doutor em História pela PUC-SP e docente da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:

História Cultural e Semiótica da Cultura

UM “NOVO” CINEMA E UM “NOVO” CORPO: ESTATUTOS DO TERATOLÓGICO EM FILMES FANTÁSTICOS

Autor: Adriano Messias de Oliveira, doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Dia: 18 de novembro de 2011

Local: Prédio Bandeira de Mello/ Sala 100 A

Horário: 14 às 17 horas

GT 03 CULTURA, PRÁTICAS NARRATIVAS E HISTÓRIA

Coordenadora: Jurema Mascarenhas Paes

Este GT reúne trabalhos que abordam conceitos sobre as linguagens e suas funções no campo da Comunicação e da História. Em específico, os estudos no campo da literatura tem contribuído para se pensar a comunicação e a história como processo que ocorre via inúmeras práticas narrativas. Dessa maneira, o GT propõe-se a apresentar pesquisas, concluídas ou em desenvolvimento, que se utilizam de fontes literárias e de outras formas de expressão para desdobrar reflexões a respeito das práticas culturais.

- **Sessão 07 (14 às 15:30 horas)**

ODIN E THOR: A BRIGA MITOLÓGICA COM UM FUNDO SOCIAL

Autor: Munir Lutfe Ayoub, mestrando em História pela PUC-SP.

CAFÉ QUENTE EM NOITE FRIA: ATUALIZAÇÕES TEMPORAIS E ESPACIAIS DO TEATRO JORNAL NO BRASIL

Autor: Anderson Zotesso, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, agente cultural da Prefeitura de Hortolândia-SP, formador do programa Nas Ondas do Rádio, da Prefeitura de São Paulo-SP, e coordenador do Gato Coletivo Artístico.

A AMÉRICA LATINA SEGUNDO A IMAGEM: DESLIZAMENTOS LITERÁRIOS NA HISTÓRIA

Autora: Mila Goudet, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, docente na Universidade Paulista (UNIP) e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem.

IMIGRAÇÃO PALESTINA EM SÃO PAULO: UMA SAGA DE SOBREVIVÊNCIA E INFLUÊNCIA

Autor: Ailton José do Amaral, mestrando em História pela PUC-SP.

- **Sessão 08 (15h30 às 17h)**

DINÂMICA DO TEXTO JORNALÍSTICO: MONTAGEM DAS IMAGENS FOTOJORNALÍSTICAS E DISCURSOS DE PODER

Autora: Laís Santoyo Lopes, mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem.

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:

História Cultural e Semiótica da Cultura

JORGE LUIS BORGES E OS PARADOXOS DOS INTELECTUAIS LATINO-AMERICANOS: UMA LEITURA DESDE A ANÁLISE CRÍTICA DE BEATRIZ SARLO

Autora: Sílvia Cáceres, doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

FESTAS RELIGIOSAS E CORTEJOS NA BAHIA DOS SÉCULOS XIX E XX: AMBIENTES MUDIÁTICOS

Autora: Zélia Jesus de Lima, doutoranda em História pela PUC-SP e docente da Universidade Católica de Salvador (UCS).

“EL TORO CANDIL” COMO ASPECTO DA CULTURA E DAS MESTIÇAGENS SUL-MATO-GROSSEENSES

Autora: Gicelma da Fonseca Torchi-Chacarasqui, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e docente da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:

História Cultural e Semiótica da Cultura

LIVRO DE RESUMOS

Adriano Messias de Oliveira, adrianoescritor@yahoo.com.br

UM “NOVO” CINEMA E UM “NOVO” CORPO: ESTATUTOS DO TERATOLÓGICO EM FILMES FANTÁSTICOS. O estado de coisas pelo qual o cinema - entendido aqui como linguagem e força midiática – tem passado pode ser compreendido pelo auxílio dos eixos vetoriais diacrônico e sincrônico. No primeiro caso, tratamos de contribuições históricas que se amalgamam, sempre de forma híbrida, a conteúdos culturais, em especial a partir do final da Idade Média, somadas aos avanços (pseudo)científicos e filosóficos que marcam diversas épocas. Posteriormente, em especial nos oitocentos, quando os espetáculos populares das fantasmagorias, dos teatros de sombra e das lanternas mágicas se expandem pela Europa, vemos de forma mais notável os prenúncios do “cinema moderno”: deparamo-nos, então, com um século que se desdobrou, deslumbrado, às novas conquistas científicas e tecnológicas – aqui reside a perspectiva sincrônica deste artigo. Somente assim nos sentimos instrumentalizados para entrar nas questões das construções específicas do cinema fantástico, no decorrer do século XX, no que diz respeito aos estatutos cambiantes do corpo monstruoso e das representações do teratológico. Se, por um lado, as já “não tão novas” mídias continuam a atrair multidões de incautos face ao espanto e encantamento que causam, defendemos que boa parte do que se considera “inovador” tem estreita ligação com uma tradição histórica devedora das atrações populares e sensacionalistas de séculos passados. Não há como desconsiderar este lado “obscuro” ou “pouco glamuroso” da história do cinema se quisermos apontar alguns aspectos que hoje se fazem presentes nas configurações fílmicas, em especial dos chamados *blockbusters* – que, por sua vez, remontam, em grande medida, aos apelos sensacionalistas de várias invencionices dos pré-cinemas e do primeiro cinema. Diversos estudiosos apontam que o corpo tem assumido novos estatutos, em especial a partir das últimas décadas, e isso está fortemente ligado às transformações que as inovações tecnológicas e midiáticas trouxeram. Por um lado, um ufanismo que beira o ingênuo, somado ao prazer utópico das “grandes e definitivas descobertas”, tem arrastado multidões zumbificadas de entusiastas consumidores para as lojas físicas e virtuais de games,

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

celulares, computadores, TVs e outros os dispositivos associados, em busca do *dernier gadget à la mode*. Por outro, estão aqueles que não conseguiram se adaptar aos “novos tempos” ou os que se deixaram abalar pelo medo das invenções e pelo conteúdo catastrófico e trágico que elas podem engendrar. Entre essas duas balizas, percebemos o esforço de estudiosos que tentam estabelecer um fiel da balança - ora se equilibrando mais para um lado, ora mais para outro, naquela postura que Umberto Eco chamaria de “integrada” ou “apocalíptica”. São realmente tempos difíceis estes que se instauram na fluidez e nas formas deslizantes do comportamento humano e de suas relações com o tecnológico – fluidez esta que nos parece já ser uma das marcas do século XXI, associada com as inseguranças que assolam a humanidade. Sim, pois, desde o 11 de setembro de 2001, o que até então era fantástico se tornou possível. De forma simbólica, os edifícios que ruíram também representam o vir a baixo de um arcabouço de vãs certezas que percorreram a civilização humana desde a época iluminista, pelo menos. Podemos considerar que, no decorrer do século passado, em especial, as noções unitárias e totalizantes foram, aos poucos, se fragmentando, se solapando, até – mediante um desmoronamento maior – propiciarem uma crise de valores e a exigência de reformulação de paradigmas. Parece-nos que é este o momento que enfrentamos agora: questionamentos de toda ordem acusam uma possível revolução no âmbito do antropológico – muito mais do que apenas nas tecnologias. Nesta esquina da História, o cinema ainda é uma mídia significativa e, diferentemente do que alguns disseram a respeito de um possível “fim do cinema”, ele é capaz de acompanhar e influenciar as mudanças em nossa relação com as imagens. Ou seja, além de o próprio cinema passar por uma reestruturação técnica e até mesmo em seu *modus operandi*, ele próprio nos mostra, por meio de suas imagens e *plots*, algumas das tendências que norteiam o que chamamos de um possível novo estado de coisas. Para discutirmos essas ideias, temos nos valido de autores tanto ligados à tradição humanista quanto às questões do chamado “pós-humano”, na busca de um possível equilíbrio de pontos de vista. Percebemos, por exemplo, que o que era considerado assustador em filmes dos anos de terror dos anos de 1930 e 1940 tem menos relevância para os espectadores de hoje. Não estamos nos referindo aqui aos recursos de montagem e de efeitos especiais, que mudaram enormemente, mas, sim, aos enredos dos filmes de terror, que, naquelas décadas, costumavam ainda ter

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

alguma filiação mais consistente com a literatura gótica e com autores clássicos do século XIX. Atualmente, percebe-se uma estreita dívida para com as questões da exteriorização dos conflitos humanos que são projetadas no próprio corpo – não mais apenas reflexo das turbulências mentais ou da “alma”. Encontramos uma produção fílmica que se aproveita do biotecnológico e dos avanços científicos para criar personagens que pautam aspectos da crise antropológica que mencionamos: muitas vezes, são eles ciborgues e avatares, corpos supermodificados e superexcitados pela tecnologia, a qual atua cada vez mais como mediadora do sujeito no mundo. O mal-estar na civilização se projeta hoje no deslocamento das angústias internas para o âmbito do corporal e da vulnerabilidade desse corpo que tenta resistir à mercê dos bioterrorismos, das manipulações genéticas, das experiências híbridas. Esta é também uma era do visível, do externo e do sensorial, e muitos sujeitos se identificam uns aos outros e se relacionam com o mundo por meio dos detalhes “indiciais” que pretendem dizer quem eles são ou a que grupo se filiam: piercings, tatuagens, alargadores, inserções na pele, tingimentos, próteses e órteses para fins corretivos ou simplesmente estéticos. Além disso, a ciência avança para experimentos nanotecnológicos que estão ligados às conexões neuronais, na busca de sanar deficiências. Os avanços científicos dão cada vez mais a ver um corpo maquínico e virtual, passível de receber bioportos e conectores neuronais, em que tecnologia e natureza não se diferenciam. Entretanto, todos estes avanços têm uma estreita ligação com o percurso dos últimos séculos: o que parece uma “inovação deslocada temporalmente” no mundo encontra suas raízes no desejo prometeico e fáustico dos loucos cientistas e sonhadores incorrigíveis dos séculos idos.

Instituição de fomento: FAPESP

Ailton José do Amaral, ailton@ramosamaral.com.br

IMIGRAÇÃO PALESTINA EM SÃO PAULO: UMA SAGA DE SOBREVIVÊNCIA E INFLUÊNCIA. Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado, que tem como objetivo estudar a imigração palestina para a cidade de São Paulo, bem como sua influência no desenvolvimento desta cidade. Neste trabalho, trataremos especificamente de uma das fontes de minha dissertação. Trata-se, na realidade, de

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

um estudo de caso: “Seu Abdul”. A intenção deste trabalho é contar sua história baseado em diversas entrevistas para então descobrir os motivos da escolha do Brasil, mais especificamente São Paulo, sua convivência, seu período de adaptação, a construção de uma família e a atual situação desta. Usaremos, além da história oral, documentos, registros de imigração, etc, para acompanhar a sua saga neste país, juntando fotos cedidas pela fonte, na intenção de enriquecer o trabalho. Abdel Fatah Abdel Hamid Hassan Abdel Aziz é um palestino de 80 anos, nascido em uma localidade próxima da cidade de Ramallah, na Cisjordânia. Seu Abdul, como gosta de ser chamado, emigrou para o Brasil com 25 anos, em 1956. Possui um forte sotaque árabe e uma grande dificuldade para o português. Seu Abdul é um homem temeroso, pois ainda possui um medo muito grande de retaliações à sua família que ainda mora em Israel. As entrevistas estão sendo realizadas em doses homeopáticas, em virtude do caráter desconfiado da fonte. Está sendo realizado um trabalho de recolher informações, conquistar a sua confiança e, em paralelo, um trabalho contínuo de pesquisar documentações e também entrevistar sua esposa, seu sócio e seu neto. A mídia sempre mostrou o conflito judaico/israelense por um enfoque não muito justo no entender de um dos lados. A afirmação de que a guerra somente é contada pelo lado dos vencedores é bastante enfatizada por um dos lados. Quem são os palestinos? Qual o motivo que os levou a emigrar? Qual o seu papel na cidade de São Paulo, onde existe um grande número deles vindos de todas as formas e sob diversas circunstâncias? Estão sendo realizadas entrevistas por meio da história oral e, de acordo com a evolução das mesmas, realiza-se também pesquisas em arquivos para acompanhá-las. Obtenção de dados e documentação, que nos dê uma visão completa do que seja esta situação, ou seja, uma visão do chamado “lado fraco” do conflito, suas aspirações e também suas esperanças, caso este conflito termine de forma que hajam benefícios para ambos os lados.

Alberto Luiz Schneider, alberto.is@uol.com.br

FLOR AMOROSA DE TRÊS RAÇAS TRISTES: O MITO DAS TRÊS RAÇAS. Compreender a interpretação do Brasil contida no pensamento de Silvio Romero (1851-1914). Seu livro mais importante, a *História da literatura brasileira* – obra em quatro volumes, publicada em 1888 – é mais do que uma história eminentemente

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

literária; é, antes, um esforço sociológico, onde o tema em questão não é apenas o *corpus* literário do país, mas a própria nação. Trata-se de uma obra destinada a produzir uma *teoria do Brasil*, na medida que apresenta a sociedade e a cultura brasileiras como inexoravelmente mestiças e fundadas a partir das três raças, embora devesse prevalecer um país embranquecido e culturalmente ocidentalizado. Essa imagem mestiça do país foi formulada em meio a teorias científico-evolucionistas eivadas de pressupostos raciais eurocêtricos. A construção de uma imagem romântica do Brasil – pois Romero via na mestiçagem a essência nacional, fundada no povo – mesmo que com roupagem cientificista, afetou e orientou a interpretação que o autor faria do país, da literatura à cultura popular, da imigração européia ao acalentado ideal de progresso e modernidade. A partir de sua *teoria do Brasil*, Silvio Romero interpretou tanto a obra literária de Machado de Assis, quanto a imigração alemã no Sul do país, temas absolutamente díspares. O que une uma coisa e outra no conjunto da obra romeriana é a busca por uma noção de brasilidade, à qual tanto Machado de Assis, por supostamente evitar os grandes temas brasileiros, quanto os imigrantes alemães, por resistirem à imigração, estariam negando-se. Certos aspectos da *teoria do Brasil*, como a busca pela autenticidade brasileira na cultura popular ou a percepção do país como herdeiro da mestiçagem entre as três raças reaparecem, embora modificados, com o mesmo sentido nacionalista, em autores identificados com a renovação estética, cultural e histórica dos anos vinte e trinta, como Mário de Andrade e Gilberto Freyre.

Amálio Pinheiro, pinheiro@pucsp.br

SEMIÓTICA DA CULTURA E MESTIÇAGEM NA AMÉRICA LATINA. A tradição teórica, de Tinianov a Lótman, deve ser traduzida e readequada aos objetos do continente: as noções de centro e periferia e de sistemas modelizantes não servem nas regiões cujos processos interculturais repudiam a separação, própria da ciência moderna, entre natureza e cultura e entre signo e coisa. Daí a necessidade de recorrer a sistemas conceituais não binários, provenientes de modos de conhecimento presentes na formação barroca e mestiça da cultura latino-americana: por exemplo, o afro-árabe e o ameríndio, preocupados com o encadeamento do alheio heterogêneo e com a deglutição antropofágica do outro plural. Daí também a

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

utilização de pensadores poetas, como Severo Sarduy, Lezama Lima, Nicolás Guillén e Alejo Carpentier, que pensam a cultura e a história como marchetaria de séries e camadas.

Anderson Zotesso, anderson_zotesso@yahoo.com.br

CAFÉ QUENTE EM NOITE FRIA: ATUALIZAÇÕES TEMPORAIS E ESPACIAIS DO TEATRO JORNAL NO BRASIL. O artigo aqui apresentado pretende demonstrar como a peça teatral *Café Quente em Noite Fria* ou *A Lenda do Ouro Verde*, escrita e encenada pelo Grupo Caos e Acaso, de Londrina (PR) incorpora à sua dramaturgia textos jornalísticos e publicitários produzidos nos anos de 1975 e 1976. A obra traduz temporal e espacialmente o teatro brechtiano, alimentando-se também da dissertação *A lenda do Ouro Verde*, de Regina Beatriz Guimarães Neto (1986) e de *As vinhas da ira*, de John Steibeck. O grupo londrinense declara seu objetivo de “contar a história que a história não conta” e, fractalmente, elabora um mosaico formado por dialéticas canções e imagens cênicas, além de arquétipos do interior cafeeiro do sul do Brasil, encenado com explícita referência à *Companhia do Latão*, de São Paulo, mas cujo contato, na fase laboratorial do processo criativo, decorreu apenas por vídeos do You Tube e da leitura das publicações do grupo paulistano. Para uma possível leitura do referido objeto, parte-se da proposta barberiana de “cartografia noturna” (MARTÍN-BARBERO, 2002), observando de que maneira material não-dramatúrgico – notícias de jornais, fotos, estudos – pode ser apropriado por manifestações artísticas que analisam e criticam a “história oficial”, apresentando ao expectador um retrato cru da migração dos pequenos agricultores paranaenses em direção às matas de Rondônia e de Mato Grosso, em pleno processo de expansão das fronteiras agrícolas. Dedicar estudos ao Teatro Popular e, especificamente, a esta produção permite analisar processos criativos baseados nas memórias dos atores e de suas famílias e coletar fragmentos da história oral como matéria-prima para improvisações artísticas. O Caos e Acaso ainda solicita ao público – ao final de cada apresentação – mais relatos que agregam-se ao conteúdo encenado. Especificamente em Londrina, a peça convoca os expectadores a revisitarem suas vivências e colaborarem no desenvolvimento contínuo de um arranjo discursivo declaradamente aberto e inacabado, que faz refluir a validade da

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

contestação das narrativas constituídas pelas vozes dos proprietários de terras que ganharam com a debandada dos meeiros e posseiros de suas terras. Dada a importância de sua contribuição ao fazer teatral, *Café Quente em Noite Fria* ganhou o Prêmio Myriam Muniz por sua trilha sonora – totalmente executada ao vivo – apresentou-se no FILO (Festival Internacional de Londrina – 2009) e na VI Mostra Latinoamericana de Teatro de Grupo (2011), realizada em São Paulo.

Bas'lele Malomalo, bmalomalo@yahoo.com.br

REPENSAR A MISTIÇAGEM PARA PENSAR O DESENVOLVIMENTO DO NEGRO. Pretende-se nessa comunicação apresentar as duas matrizes intelectuais brasileiras que têm dominado o debate sobre a temática racial no período de 1995-2010. O recorte histórico indicado se fundamenta na investigação feita pelo autor durante a defesa da sua tese de doutorado em sociologia. O que se percebeu é que o conceito de mestiçagem é imprescindível tanto para os ativistas sociais, os intelectuais e políticos que trabalham com as políticas públicas de inclusão dos grupos tidos como “minorias étnicas”: não se pode falar do desenvolvimento nacional sem olhar as questões em torno da identidade nacional marcada pela mestiçagem. Foi no primeiro mandato do FHC (1995-1998) que os movimentos sociais e intelectuais negros e simpatizantes da causa negra começaram a pressionar o Estado brasileiro para implementar políticas de ações afirmativas e de cotas; e foi nos dois mandatos do governo Lula (2003-2010) que se criou uma secretaria com funções de ministério para canalizar essas demandas. Fora deste primeiro grupo, paralelamente, delineava-se o segundo que nega as propostas de inclusão feitas pelo grupo anterior. Luciana Jaccoud interpreta a diferença dos dois grupos a partir das matrizes teóricas que fundamentam suas ações: o primeiro se pauta no paradigma da igualdade racial cujo Florestan Fernandes seria o intelectual emblemático; já o segundo se inspira do paradigma da democracia racial de filiação freyriana. Nesse combate, são os paradigmas científicos sobre a mestiçagem que determinam as concepções de cada grupo e da sociedade brasileira sobre as políticas públicas do multiculturalismo. A diferença que o autor dessa comunicação introduz é que vê a mestiçagem dos neo-freyrianos como uma mestiçagem colonialista enquanto retórica que busca domesticar o negro. É o que Fernandes

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

chamou de mito da democracia racial; e Marcelo Paixão denominou de lenda da modernidade encantada. A concepção da mestiçagem dos neo-fernandianos tornaria-se uma mestiçagem emancipatória no sentido de Boaventura de Souza Santos, enquanto seus inventores não se limitassem a essencializar a política racial, como bem tem alertado Stuart Hall, e se dispusessem a dialogar com as epistemologias conjuntivas e da complexidade, com a razão cosmopolita da sociologia das emergências de Boaventura de Souza Santos sem abrir mão do seu projeto de sociedade. O autor desse trabalho almeja focar também em duas políticas públicas para refletir de forma concreta sobre a politização da mestiçagem: as políticas de cotas em universidades públicas e o Programa Universidades para Todos (ProUni) são tratados como políticas híbridas do pensamento e da política da complexidade que tencionam para a possibilidade de se pensar o desenvolvimento da nação brasileira e da população negra para além dos limites dois paradigmas existentes.

Cibele Simões Ferreira Kerr Jorge, cibelepiti@uol.com.br

A CRÍTICA SOCIAL NA OBRA DE RAUL SEIXAS. Este artigo discorre sobre a crítica social presente na obra do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas. A crítica em seu trabalho tem uma abordagem humorística, que se dá, por vezes, em forma de sátira. Ela surge de seu inconformismo com determinada situação e se desenvolve embalada por sua aposta na possibilidade de mudança. Partindo de sua formação filosófica, ele passa a empreender esforços no sentido de promover a libertação de seu público dos entraves das imposições sociais, como o cumprimento de papéis cotidianos, que, em lugar de contribuírem para a autorrealização do indivíduo, servem ao funcionamento das relações hierárquicas e dos jogos de poder da sociedade. Sob sua ótica, a mudança não partiria do povo como massa, mas de cada indivíduo. Logo, em seu trabalho, a música não se dá apenas como um fazer artístico, mas sobretudo como veículo de transmissão de mensagens. Ele assumiu o papel social de tradutor de uma cultura tradicional para a linguagem popular, trabalhando como socializador da cultura livresca a que teve acesso, disseminou conhecimentos complexos, simplificando-os para o entendimento comum. Conferiu ao conjunto de ordens sociais, econômicas e políticas estabelecidas, a que se pode chamar de sistema, a denominação de *Monstro Sist*, travando com ele duradoura

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

batalha verbal. Essa oposição aparece tanto em músicas, como *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*, quanto em algumas entrevistas, a exemplo daquela concedida ao jornal *Canja*, em 1980, na qual usou termos como “arapuca” e “buraco de rato” do sistema, ao se referir ao ato de interagir com os meios comerciais; mencionou ainda sua façanha de cutucá-lo e de espetá-lo com a agulha que penetra seu calcanhar de Aquiles, por meio de seu trabalho. Esse papel de contestador que assumiu se dá como uma das prioridades de sua obra, com o caráter de informação e denúncia, como num ato de empréstimo de sua voz ao povo. *Mosca na Sopa* é uma tradução deste processo, quando a personagem diz ter vindo para incomodar e anuncia ser inútil dedetizá-la, pois viria outra em seu lugar. Sua obra se desenvolveu em diálogo com o quadro social e político da época. Em 1973, ao lançar sua crítica social de maior projeção, dá início a uma carreira duradoura de prestígio nacional, na qual o humor e a crítica serão características marcantes. Partindo de um questionamento de ordem pessoal, *Ouro de Tolo* vai transcender sua categoria autobiográfica, ao traduzir o sentimento de milhares de brasileiros acomodados numa situação econômica estável, com latente desejo de autorrealização, num período em que a liberdade de expressão se dava de forma limitada. Músicas como *Abre-te Sésamo*, *Aluga-se* e *Não Fosse o Cabral* satirizam os acontecimentos do quadro sócio-político – enquanto a primeira se refere à anistia política concedida pelo governo em 1979, a segunda propõe alugar o Brasil aos estrangeiros para sanar a dívida externa, e a terceira satiriza o descaso do governo para com a miséria, a ignorância e os impostos altos, questionando, por fim, a culpa do descobridor do país na desordem em que este se transformou. O viés contestatório atravessa seu trabalho desde seu primeiro sucesso até o fim de sua carreira, funcionando como força motriz para muitas de suas criações. Fazendo parte dele, está o anarquismo como uma forte vertente, cujos reflexos se dão em uma série de músicas, desde um de seus maiores sucessos até o sonho de uma sociedade livre. *O Carimbador Maluco*, inspirado no texto *Ser Governado*, de Joseph Proudhon, ganhou projeção imediata entre o público adulto e infantil, numa época em que a população do país clamava por mudança política – 1983. *A Sociedade Alternativa*, idealizada dez anos antes, era fundamentada na proposta da conduta individual fora do sistema, mediada apenas pela vontade própria. Do anarquismo, Raul estudou tanto a corrente ideológica desenvolvida por Joseph Proudhon quanto a do pensador alemão Max Stirner, conhecida como “anarquismo individualista”, tomando-a como um forte alicerce de sua obra. O Anarquismo inspirou de forma direta músicas como

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

Sociedade Alternativa, Novo Aeon, O Carimbador Maluco, Para Nóia e O Dia em Que a Terra Parou, embora tenha constituído a base filosófica de muitas outras produções. Este artigo pretende contribuir para a área da comunicação, ao abordar um tema da cultura brasileira. A análise do aspecto crítico social no trabalho de Raul Seixas implica diretamente o diálogo entre suas produções e os acontecimentos da história do Brasil desde 1973 até 1989, período que compreende um regime político não democrático e os acontecimentos conturbados entre este e a oposição insurgente dos meios populares e estudantis, em que a efervescência cultural se deu não apenas de forma conflituosa, como assaz criativa, para que os movimentos culturais, dotados ou não da intenção de protesto, pudessem se comunicar com o povo sem chamar a atenção de órgãos de supervisão. O campo artístico contou, portanto, com ricos movimentos de vanguarda em diálogo com o quadro social e político, tanto do Brasil como da América Latina, e com os reflexos das manifestações estudantis em diversos países, como a França e a contracultura norte-americana. Tais acontecimentos internacionais incluíam os questionamentos de fundo social e político, e suas extensões nas artes e na música. E, nesta última, o *rock'n'roll* explodiu como um grito de liberdade que ecoou pelo mundo, chegando ao Brasil em 1955 e apaixonando um garoto de onze anos de idade, que ficaria conhecido popularmente como um pioneiro do *rock* brasileiro, criador de um ritmo mestiço, que partiu de Salvador para o Rio de Janeiro, ganhando projeção nacional com característica dose de humor e de crítica social. A base teórica conta com Max Stirner, com a obra *O único e a sua propriedade*, Thomas Morus, com *A utopia*, Herbert Marcuse, com *Eros e a civilização*, Theodore Roszak, com *A contracultura*, Iuri Lotman, com *La semiosfera I* e Jesús Martín-Barbero, com *Dos meios às mediações*, obras pesquisadas de acordo com a pertinência com o tema. Espera-se que este artigo possa esclarecer uma das principais vertentes da obra do artista brasileiro.

Instituição de fomento: CNPq

Danielle Gaspar, gaspar.danielle@gmail.com

A CIDADE E OS DOCUMENTÁRIOS IPESIANOS: QUANDO COMO E ONDEM IMPORTAM. Entre os anos de 1961 e 1964, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) promoveu uma campanha política e ideológica travada pela elite brasileira a fim de combater os ideais comunistas. Ao todo, produziu 20 curtas que

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

foram exibidos em todo País. No intuito de refletir sobre a influência de tais documentários na aceitação popular que garantiu a tomada ilegal do poder em 1964, esta proposta centra-se em investigar o modo de exibição, pautado pela cultura do cinejornal. Trata-se de inferir como um filme constrói seu espectador, como manifesta esta construção, como determina o seu lugar e como o faz percorrer certo trajeto (Roger Odin) em estreito diálogo com as práticas culturais audiovisuais (Luri Lotman) que puderam sustentar um imaginário regido pelo medo e pavor frente à ameaça comunista. A questão central é considerar a influência das imposições externas no processo comunicacional. Quais eram os locais de exibição? Como eram apresentados? Essas são algumas perguntas que se fazem presentes nessa proposta. Sabe-se que os curtas eram exibidos, em sua maioria, antes das sessões de cinema. Sem a necessidade concreta de evocá-los ou de uma tomada de decisão consciente para assistí-los, é preciso considerar que os espectadores – em questão – já estavam acostumados às práticas do cinejornal. O ímpeto é fazer um contraponto com a experiência dos cinejornais que sugeriam, por si só, um modo de leitura documentarizante, mesmo que as imagens dos curtas pudessem ser, em sua maioria, realidades encenadas. Deixar de lado a análise fílmica, que concentra o discurso ideológico como carro-chefe de um objeto dissecado, não é uma tarefa fácil. Percebe-se que pesquisar o modo de ler implica em deslocar o foco das estratégias de emissão e recepção que impõe aos filmes mera constatação de instrumentos de propaganda. Dessa maneira, as práticas culturais audiovisuais nos mostram o acesso para a chave de leitura através da qual os meios adquirem materialidade, neste caso institucional e ideológica. Para Martín-Barbero, já não cabem mais figuras das estratégias do dominador, na qual tudo transcorre entre emissores-dominantes e receptores-dominados, a questão é rever o processo de comunicação que transcende o lugar da apropriação de sentido a partir dos seus usos (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 28). Neste momento, a comunicação se torna questão de mediações mais do que de meios. É quando a problematização da cultura torna-se o fio condutor principalmente na dinâmica sobre a investigação do que se faz presente no contexto de outra época. Nos diz Lotman: “Desde el punto de vista de la semiótica, la cultura es una inteligencia colectiva y una memoria, esto es, un mecanismo supraindividual de conservación y transmisión de ciertos comunicados (textos) y de elaboración de otros nuevos. En este sentido, el espacio

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

de la cultura puede ser definitivo como un espacio de cierta memoria común, esto es, un espacio dentro de cuyos límites algunos textos comunes pueden conservarse y ser actualizados.” (LOTMAN, 1996, p. 157). Isto não quer dizer necessariamente estancar a relação entre cultura e meios de comunicação na América Latina, em especial o cenário brasileiro, e deixá-la isolada no corpo da análise. O desafio é esta costura que permite de um lado localizar o objeto de estudo dentro de sua específica circunstância, ou seja, contextualizando-o em sua dimensão histórico-política, mas também considerar a produtividade de formação de sentido em um processo de choque entre os textos que se conservam na memória da cultura e seus códigos. “Puesto que los códigos de la cultura se desarrollan, están incluidos dinámicamente en el proceso histórico: ante todo, es importante hecho de que los textos de adelantan a la dinámica del desarrollo.” (LOTMAN, 1996, p. 161). A lei que tornou obrigatória a exibição dos cinejornais em todo o território nacional foi assinada por Getúlio Vargas e sobreviveu até o fim da ditadura militar, em março de 1985. Segundo Anita Simis, embora o decreto fizesse referência direta à obrigatoriedade de exibição de filmes educativos, também deixava em aberto a possibilidade de incluir na determinação outros gêneros cinematográficos, como o filme de longa-metragem. Contudo, o mesmo decreto também “mencionava a realização do Convênio Cinematográfico Educativo, que tinha entre suas finalidades à instituição permanente de um cinejornal, com versões tanto sonoras quanto silenciosas, filmada em todo o Brasil e com motivos brasileiros.” (SIMIS, 1996, p. 174-175). Partindo do pressuposto que a realidade é sistêmica, pretende circunscrevê-la sob o ponto de vista de um *continuum semiótico*. Traça-se, então, a seguinte hipótese: se as práticas culturais audiovisuais foram determinantes para que o processo de significação evocasse um sistema de signos que estava dormente na trajetória político-social do país, é possível refletir que este pode ser novamente emanado em outra chave de leitura? A cena midiática pode revelar subtratos interessantes aos fenômenos da comunicação na composição deste potencial persuassivo e propagandístico dos filmes em ação. Nessa dinâmica, é indispensável que as reflexões impliquem em um recorte epistemológico que se inspire na condição de *partida mestiça* do continente latino-americano, especificamente o Brasil. Tendo como base, a continuidade do imaginário traduzido em memória narrativa, cênica e iconográfica na proposta de uma sensibilidade em defesa do nacional. Para tanto,

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

conceitos como mediação (MARTÍN-BARBERO), semiosfera (LOTMAN), memória (MORIN), mestiçagem (PINHEIRO) e conhecimento (SANTOS) irão permear este esforço de teorização. LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I: semiótica de la cultura e del texto I*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1996.

Instituição de fomento: CNPq

Dirceu Martins Alves, dirceumalvez@gmail.com

SÃO JORGE DOS ILHÉUS E SÃO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS: CIDADES MIDIÁTICAS DE JORGE AMADO E A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO NO IMAGINÁRIO. O artigo tem como objetivo traçar um paralelo histórico entre as duas cidades que Jorge Amado usou como cenário para tecer suas tramas fictícias, e como elas refletem ou são refletidas por essas narrativas: São Jorge dos Ilhéus e São Salvador da Bahia de todos os Santos, nomes que também dão título para duas obras do autor, respectivamente. Uma relação que merece uma análise seguindo os postulados de Michel de Certeau, para uma valorização histórica da cultura do cotidiano, e de Iuri Lotman, uma semiótica da cultura, para vermos a relação das obras com as cidades. É interessante notar como as cidades são incorporadas na escritura de Jorge Amado, cronista que colhe os detalhes vivos do fazer cotidiano, e o quanto sua literatura nos remete a essas cidades, fazendo com que elas sejam midiáticas. Em Ilhéus, terra do cacau, cidade onde Jorge Amado viveu, há signos que nos remetem o tempo todo à vida do autor e sua obra. No centro histórico da cidade está a casa Jorge Amado, um palacete estilo colonial onde o escritor viveu com os pais e escreveu seu primeiro romance, antes de se mudar para Salvador. Localizada bem em frente do Teatro Municipal, a casa hoje transformada em ponto de visitação turística, tem como vizinha, à esquerda, a Catedral de São Sebastião. Logo ao lado da Catedral está o Bar Vesúvio, cenário real de dois personagens inesquecíveis de Jorge Amado: Seu Nacib e Gabriela. As paredes externas do Vesúvio possuem azulejos decorativos com representações de Jorge Amado e Seu Nacib. O bar recebe gente do mundo todo, leitores de Jorge Amado que vêm para comer os quibes, especialidade da

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

casa, sonhando com os bolinhos da Gabriela, os quais já fazem parte do nosso imaginário, uma contribuição da imigração libanesa. Ademais, as barracas de acarajé e de abará, com moças vestidas de baiana, de vestidos bordados, ou mesmo de calças jeans, a típica comida de rua oferece toda uma gama de cores, bordados, volumes, cheiros e sabores. Também encontramos as barracas especializadas em tapioca, que levam diversos nomes, de acordo com os recheios. Uma delas foi batizada com o nome da famosa personagem literária, Tapioca Gabriela. O nome da personagem também dá nome para a emissora de rádio mais popular do município e região, Rádio Gabriela FM. Por não ser uma metrópole como Salvador, percebe-se mais facilmente a presença das séries culturais, tais como os azulejos, a culinária, o andar nas ruas, o modo de vestir e de caminhar, entre outras, componentes da cidade, que se filtram para dentro da obra literária, atravessando a fina cortina que se abre para permitir a passagem da realidade para a ficção. Na obra São Salvador da Bahia de todos Santos, referente à cidade fundada em 1549, Jorge Amado descreve os bairros proletários e os nobres, as feiras e os mercados, as inúmeras ladeiras e ruas da cidade, e apresenta as praias locais, como Itapuã, Amaralina, Pituba e o Farol da Barra. Traça a cartografia do lugar, faz a crônica dos costumes da população baiana: discorre sobre as igrejas, as macumbas e os terreiros, as comidas típicas, a lavagem da igreja de Nosso Senhor do Bonfim, as homenagens a Iemanjá e a São João, entre outras festas populares. O autor investiga o caráter do baiano, valorizando a mestiçagem do povo e as contradições de seu espírito libertário e conservador. A cidade está inteira na obra, porque está viva nas letras impressas contra as páginas. O trabalho dos artesãos que riscam santos em tendas improvisadas nas praças públicas do centro de Salvador está representado no romance Tenda dos Milagres. O personagem principal do romance, Pedro Arcanjo, hoje dá nome a um espaço cultural no Pelourinho. A Casa Jorge Amado, um prédio imponente em estilo colonial, localizado na “Ladeira do Pelô”, é um ponto de referência da cultura letrada, com edição de livros acadêmicos e populares. Aparece para o mundo todo em fotografias, documentários de cinema e televisão, além de ser filmado à exaustão quando temos jogos importantes da seleção brasileira de futebol, pois é lá que se reúnem os músicos do Olodum, para comandar a festa antes, durante e após as partidas de futebol. Nomes de ruas, praças, bares, centros culturais, livrarias, pratos típicos, entre outros, levam nomes

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

que lembram o escritor ou seus personagens. Até mesmo os prédios deteriorados, hoje abandonados, da Cidade Baixa, lembram o cenário dos Capitães de Areia, que se não existiram na realidade, tal qual descreveu o escritor, bem poderiam existir hoje, na derrocada de tantas famílias de posse que por ali habitavam. Salvador reflete, neste caso, um aspecto recorrente das grandes metrópoles brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, que é o abandono de um centro habitado por uma elite, para a fundação de outro centro urbano, deixando a antiga zona em decadência total, ou quase total. Parece difícil encontrar um escritor que tenha uma relação tão intensa com o seu meio ambiente como Jorge Amado. Praticamente todos os elementos da cultura, que aparentemente estão fora do texto, participam da sua composição, como nos queria fazer ver T. S. Eliot (2005), com as suas Anotações para uma definição de cultura, e também Lotman (2000), com a Semiótica das artes e da cultura. Assim, tantos são os sabores e as frutas da região que aparecem nos livros do autor que uma pesquisadora do Sul da Bahia coletou e publicou um livro intitulado As frutas de Jorge. A cozinha de Dona Flor já deu material para vários livros de receitas da comida baiana. Dessa forma, notamos um retorno da ficção para a realidade, da qual aquela havia se alimentado. De nada nos vale comparar Jorge Amado com Albert Camus ou Samuel Beckett, aliás, dois ganhadores do prêmio Nobel de literatura, como se tem feito ultimamente. A escritura de Jorge Amado é outra coisa, deve ser valorizada na relação de simbiose com o seu ambiente particular. A sua criatividade deve ser contemplada seguindo o que Michel de Certeau (2008) chamou de a Invenção do cotidiano.

Instituição de fomento: UESC

Ednaldo de Souza Rocha, naldo-rocha@hotmail.com e Gicelma da Fonseca Torchi-Chacarosqui, giondas@hotmail.com

OS AMBIENTES MIDIÁTICOS PROPAGANDO A CULTURA MISTIÇA DE MATO GROSSO DO SUL. Nosso trabalho estuda os procedimentos de divulgação das significativas produções artísticas sul-mato-grossenses (música, dança, literatura, teatro, pintura, escultura, cinema), verificando particularmente se os vídeos produzidos sobre essas produções podem ser considerados como fator de exposição, veículo de divulgação e agregação das culturas da fronteira Brasil-

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

Paraguai. Para tanto, analisamos os vídeos documentários: *Caá – a força da erva*, que conta a história da erva mate no Estado; *Folia dos Malaquias*, que relata uma tradição religiosa no interior do Estado, e *Marçal de Souza – Tupã-i (Pequeno Deus): um grande ideal, uma história esquecida*, que registra a história de um dos maiores líderes indígenas de Mato Grosso do Sul. *Caá – a força da erva*, produzido em 2004, por Lú Bigatão, possui 58 minutos de duração e conta a história dos trabalhadores nos ervais do interior de Mato Grosso do Sul, monopolizado pela Companhia Erva Mate Laranjeira, que obteve concessão do governo brasileiro em 1882 para a exploração da erva mate. *Folia dos Malaquias*, produzido por Lú Bigatão, em 2007, contém 52 minutos, o documentário acompanha a produção de mais uma festa, organizada pelos Malaquias, festam que teve início devido a uma promessa, a folia envolve dança, cânticos e orações. *Marçal de Souza – Tupã-i (Pequeno Deus): um grande ideal, uma história esquecida* foi produzido em 2008 por alunos do Curso de Produção Multimídia da Faculdade UNIDERP/Anhanguera de Dourados e possui 20 minutos nos quais conta a história de Marçal de Souza. Depois de 25 anos de sua morte, os alunos Dalila Cividini, Ednaldo Rocha, Leonardo Alencar e Marcos Bonilha tentam resgatar a história de luta dos indígenas do sul do Estado, marcada por muitos conflitos de terra nos últimos anos. O documentário é baseado no livro do professor Laerte Tetila (1994). Por meio do audiovisual (vídeo documentário), a proposta é a de propiciar acesso e conhecimento em âmbito educacional, visto que são muitos os elementos que contribuem para a abrangente cultura no Estado de Mato Grosso do Sul. Ao mesmo tempo, o trabalho mostra a dificuldade no processo de construção deste processo de construção “identitária”, tendo como ponto de partida a divisão do estado, em que foram criadas novas fronteiras; porém, a história constituída no passado ainda está aguerrida nas raízes do novo território. O vídeo documentário tem como principal característica focar as relações sociais para transformar, denunciar e tornar-se registro dos fatos e problemas sociais. Os avanços tecnológicos permitem, hoje, uma nova abordagem de registro, não sendo necessário o papel para que nossa história seja contada. O processo educacional ainda caminha com passos lentos em direção aos novos métodos de ensino, os quais não poderão ser ignorados, pois a nova geração está familiarizada a ver o mundo através de qualquer formato de tela e de forma instantânea. Devido ao avanço de novos sustentáculos de comunicação, entende-se que o meio audiovisual

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

facilita a compreensão e a abordagem de novos temas, partindo do princípio de participação ativa do aluno e exercitando o conhecimento social sobre sua região e sua história através dos vídeos propostos. “A metodologia a ser utilizada baseia-se na tendência da pesquisa descritiva, usada para descrever, sistematicamente, fatos e características presentes em uma determinada população ou área de interesse.” (GRESSLER, 2003, p. 54). Assim, num primeiro momento, procederemos ao levantamento e discussão da produção bibliográfica sobre o tema da pesquisa. Acredita-se ser de fundamental importância, nesta etapa, uma abordagem teórica capaz de garantir a investigação enquanto pesquisa descritiva. O referencial teórico-crítico para as análises provêm dos estudos de Canclini (2006), para conceituar cultura; para contribuir com as questões relativas a linguagem dos multimeios, valeremo-nos das ideias de Weibel (1997), e para as reflexões acerca das teorias cognitivas da adolescência teremos como base Piaget (1994). No trabalho apresentado podemos perceber que o fator cultural envolve o homem e seu *habitat* como dois polos que se juntam, formando uma “identidade”, seja ela na forma de falar, agir, comer, etc. Como foi destacado por Santaella (2003), é importante o significado de cada elemento dentro do contexto social para seu entendimento. Bem como para Canclini (2006) que define as transformações culturais como algo natural, devido à evolução das sociedades em desenvolvimento. Talvez tenha sido esse o argumento (desenvolvimento) para a divisão do Estado, pois a extensão territorial do Estado de Mato Grosso era notória. Muitos são os motivos que justificaram a divisão, porém ficou óbvia a necessidade de uma participação efetiva do estado no que se diz respeito à “identidade cultural”. Os três vídeos propostos para análise mostram claramente o quanto é rica a nossa história, e certamente, apesar de estar registrada, ainda falta o acesso a muitos sul-mato-grossenses, que não têm conhecimento dos fatos apresentados neste trabalho. O costume de tomar tereré, a ligação direta com a comunidade indígena, o forte conceito religioso em Mato Grosso do Sul, servem como base para buscar novos caminhos do conhecimento regional. O gênero vídeo documentário, como vimos, pode ser um grande aliado no processo educacional, preparando futuros adultos para a valorização da cultura do Estado de Mato Grosso do Sul. Estes acervos, que antes ficavam no imaginário popular, tornam-se visualmente acessíveis para a comunidade e podem ser utilizados durante gerações. Pois estamos numa época onde tudo é tecnologia,

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

muito presente no sistema educacional que agora se volta para o lado humano do aluno. Através de participação, do debate e da crítica torna-se divertido estudar, assim, a educação passa a ser mais real e visual do que figurativa. Portanto, fica claro que é necessário fomentar ainda mais o incentivo às produções audiovisuais, aumentando a participação nos festivais, nos fundos de incentivo à cultura e até mesmo preparar o futuro universitário para as produções cinematográficas. Neste mundo tecnológico, toda história é contada através do registro do que é real, apesar da imediatez dos acontecimentos, estará tudo gravado e registrado. Caá – a força da erva, 2004, 58 minutos, direção: Lú Bigatão. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006.

Folia dos Malaquias, 2007, 52 minutos, direção: Lú Bigatão. GRESLSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. Marçal de Souza – Tupã-i (Pequeno Deus): um grande ideal, uma história esquecida, 2008, 20 minutos, direção: Ednaldo Rocha. OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006. REVISTA TRAVESSIAS.

Disponível em:

<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/ARTE%20E%20COMUNICA%C7AO/PDF/Imagem%20digital.pdf>. Acesso em: 30 out. 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003. TETILA, José Laerte Cecílio. *Marçal de Souza, Tupa'i: um guarani que não se cala*. Campo Grande: UFMS, 1994. TRAVISANI, Tatiana Giovannone. Imagem digital em movimento e processos poéticos de criação. In: *18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais*. Salvador, 21 a 26 de setembro de 2009.

Instituição de fomento: UFGD

Elaine Souza Resende Sklorz, elaineresende@terra.com.br

FLUXOS EM TRÂNSITO: O TELEFONE CELULAR E SUAS TRADUÇÕES NO TRANSPORTE PÚBLICO DE SÃO PAULO EM APAGÕES DE DESLOCAMENTO URBANO. O uso do telefone celular nos transportes públicos da região

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

metropolitana de São Paulo, em situações de crise de mobilidade física urbana, é o objeto desta pesquisa. Cíclica, a discussão caminha pelo duplo viés de mobilidade, seja a promovida pelo locomover-se, deslocar-se ou o flunar pela cidade, seja a interfaceada por mídias que operam na mobilidade como, no caso em questão, o telefone celular. Começa na mobilidade do sujeito e das informações que circulam, passando pela tecnologia portátil utilizada em trânsito, depois pela cidade que acomoda esses percursos até chegar ao usuário, o sujeito físico que, na imobilidade, produz movimento, portanto mobilidade ainda que informacional. Mas aqui não só mobilidade é no plural. Imobilidade também o é. Imobilidades desveladas não apenas pela questão física de deslocamento, mas pelo veio tecnológico, aquele que pode limitar o acesso aos meios, seja por aspectos materiais, logísticos, de ordem financeira ou virtual. Sobre isso, Lemos (2009, p.29) também considera que os estreitos vínculos entre as mobilidades e imobilidades as mantêm enredadas, uma vez que “os meios de transporte e de comunicação, incluindo aí os novos dispositivos móveis, implicam em mobilidades constrangidas por imobilidades infraestruturais e dificuldades de acesso e de deslocamento”. Se o processo de globalização repercutiu sobre a ideia de espaço, redimensionando-a ao admitir amplitudes impensadas aos meios virtuais, também reconheceu que, mesmo supra, todo meio virtual tem como arrimo um meio físico. Por vezes, como se atesta ao longo deste trabalho, a mobilidade tecnológica será gerada no deslocamento ou nas limitações físicas desse mesmo deslocamento. Aliás, é disso de que tratam os dados colhidos em campo: das traduções e produções resultantes da imobilidade física do usuário de transportes públicos das grandes cidades nos horários de pico por meio unicamente da mobilidade tecnológica, no caso do telefone celular. Tudo isso com vistas à problematização ao longo da investigação de como se dá o uso de telefone celular nos transportes públicos de grandes cidades em horários específicos do dia em que subsiste uma crise física de mobilidade. De forma quase hegemônica, teóricos atuais fazem crer que essa crise pode ser em parte gerenciada, compensada ou contornada com a utilização de dispositivos tecnológicos, como o celular, para ludibriar a sensação de impotência que impera nos apagões de deslocamento. Esta pesquisa contrapõe tal entendimento ao sustentar que tecnologia móvel alguma pode camuflar, recuperar ou tornar produtivo o tempo esvaído no trânsito. Esse sim imponderável. Portanto, nossa investigação tem como

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

objetivo identificar de que forma os indivíduos, de posse de telefones celulares, consomem o tempo envolvido nos deslocamentos prolongados por contínuos engarrafamentos sem validar o argumento corrente de que os usos superam as crises. Objetiva também investigar os usos não instrumentais do telefone móvel e traçar proximidades e diferenças a partir do levantamento dessas gradações performáticas nesses ambientes mediáticos durante crises de deslocamento em São Paulo e em Frankfurt, na Alemanha. No recorte estão usuários de ônibus, trem e metrô de superfície, em trânsito nos períodos do dia eleitos em São Paulo como de pico de congestionamento: das 7h às 10h e das 17h às 20h. Como hipótese entende-se que há uma tradução local para o fenômeno global de utilização full time, e em movimento, de tecnologias portáteis e de que comportamentos públicos versus privados e profissionais versus pessoais se esbarram e coexistem em ambientes coletivos em crise de mobilidade física. Por conta dessa ideia de tradução local, o método adotado que consistiu em levantamentos bibliográficos; em reflexões teóricas e epistemológicas sobre o objeto de estudo; também se utilizou da aplicação de 120 questionários na região metropolitana de São Paulo e de 20 em Frankfurt, na Alemanha, entre usuários de celular em trânsito nos transportes públicos das duas cidades. O quadro teórico incluiu postulados de Amálio Pinheiro sobre a América Latina, seus mosaicos e mestiçagens; de Sarduy; Boaventura Santos; Lotman; Castells; Certeau; Augé; Bauman; De Souza e Silva; Santaella; Pellanda; Lemos e Ferrara sobre fluxos, traduções, ambiências, hibridizações, convergência, transformações da cidade, liquidez, espaços urbanos, espacialidades, lugar, nomadismo, mobilidades, mídia locativa e telefone celular.

Instituição de fomento: CNPq

Felipe Beltran Katz, fbkatz1917@hotmail.com

O ICONOSTASIS PAULISTANO: MEDIAÇÃO CULTURAL DAS IGREJAS ORIENTAIS NA METRÓPOLE. Quando se entra na maioria das Igrejas Orientais, depara-se com uma estrutura muito familiar à essas Igrejas: o *Iconostasis*. O *Iconostasis* é uma parede onde estão dispostos diversos ícones dos de vários Santos, além de ícones da Mãe de Deus e do próprio Jesus Cristos. A localização do *Iconostasis* é muito importante na construção de uma Igreja Oriental. Ele se

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

localiza entre o altar e a nave, marcando distintamente esses espaços. O lado voltado à nave é onde estão dispostos os ícones; o lado contrário, ou às costas do *Iconostasis*, está voltado para o altar. A passagem entre um lado e outro do *Iconostasis* se dá, na maioria das Igrejas Orientais, por uma passagem: os Belos Portões. A Divina Liturgia, nome dado à celebração religiosa Oriental (o equivalente à Missa na tradição católica Romana), depende muito do *Iconostasis*. Toda a oração e as leituras do texto sagrado se dão no altar. Quando acontece a pregação e a comunhão dos fiéis, o membro do clero atravessa os Belos Portões e se dirige à nave. A todo o momento os fiéis estão voltados para o lado do *Iconostasis* onde estão dispostos os ícones. Com associação do *Iconostasis* com a Divina Liturgia e sua posição na Igreja Oriental, é possível elaborar certas reflexões. O *Iconostasis* seria a representação entre dois mundos que se encontram na Igreja: um mundo transcendental, universal e necessário, e um mundo humano, contingente e circunstancial. O lado voltado ao altar seria o mundo transcendental, e o lado voltado à nave o humano. Esse lado voltado ao altar é o espaço da oração, da relação com o divino, com o imutável, pois está localizado atrás dos ícones dispostos, para os fiéis. É lá o local da verdade somente acessível aos membros do clero. Somente quem conhece a oração por completo pode penetrar nesse espaço. Este é o local onde se localiza o texto sagrado, a palavra verdadeira, a opinião verdadeira, a *ortodoxia*, e lá é o único lugar onde ele pode ser lido de forma plena. Do outro lado do *Iconostasis* está a nave, lá estão os fiéis, os homens. Aqui é o lugar da contingência, do mutável, do livre arbítrio. Aqui os homens recebem a mensagem de Deus através da oração vinda do outro lado do *Iconostasis*. Aqui também ocorre a pregação, quando o membro do clero passa pelos Belos Portões e vem aos fiéis tratar de assuntos terrenos com a ajuda do texto sagrado. Nesse espaço também ocorre a comunhão. Quando os fiéis recebem o corpo de Cristo, os homens se tornam um pouco divinos. O *Iconostasis* faz medição entre dois mundos, entre a Igreja e o fiel, entre o que é certo e o que pode tornar-se certo. Ele é o local do meio-termo, o local onde essas duas experiências se encontram, o único espaço simbólico da Divina Liturgia em que todas as experiências podem ser contempladas. Este é o local do estudo. As Igrejas Orientais também possuem outra particularidade: elas estão sempre associadas à uma relação com as comunidades imigrantes onde elas desenvolveram-se. Portanto, qualquer Igreja Oriental vem

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

acompanhada de um adjetivo cultural, seja armênio, maronita, ucranina ou russa. Assim, o divino e o humano se misturam. No lado transcendental do *Iconostasis* a oração é feita na língua da Igreja, os textos sagrados estão na língua da Igreja, pois é necessário e divino. No entanto, quando o membro do clero passa pelos Belos Portões e ele está fora da região de origem da Igreja a língua é a profana e contingente, no caso de São Paulo, o português. Este meio-termo, esse local metafórico do *Iconostasis*, é a forma como essas Igrejas conseguem estabelecer-se e adaptarem-se à esse mundo peculiar paulistano em que vivem e ao mesmo tempo preservar aquilo que seria necessário de sua identidade cultural e de fé. Este meio-termo seria, como aponta Stuart Hall, uma “resposta às experiências migratórias” desses grupos étnicos e religiosos. O foco no trabalho é dado aos membros do clero de algumas dessas Igrejas. Estes seriam os zeladores dessa memória, segundo Hall, da “autocompreensão” da comunidade e ao mesmo tempo indivíduos que tem como perspectiva as estratégias para responder à essa experiência desses grupos na cidade de São Paulo. As Igrejas Orientais encontradas em São Paulo são diversas, mas sempre pareceram negligenciadas, pois fariam parte do Oriente, este local que é muitas vezes posto em oposição ao Ocidente. Esta oposição, como já trabalhado por Edward Said, fortalece a identidade do Ocidente e coloca o Oriente numa posição de outro muitas vezes subalterno. Portanto, o estudo desse cristianismo oriental deve evitar qualquer tipo de preconceito. Esse trabalho deve ser rigoroso e deve tentar escapar à qualquer tipo exotismo, apontando para o fato que essas Igrejas são objetos históricos com suas características peculiares, como também levar em conta toda a experiência e mediação cotidiana das Igrejas Orientais na cidade de São Paulo. As denominações cristãs orientais encontradas na cidade de São Paulo são doze. Essas doze Igrejas estão distribuídas em três “famílias”: as Igrejas Ortodoxas Calcedônicas, as Igrejas Ortodoxas não-Calcedônicas, pejorativamente chamadas monofisitas, e as Igrejas Católicas Orientais, pejorativamente chamadas uniatas. O trabalho tem como fonte documental o depoimento de um membro do clero de cada uma dessas Igrejas. No entanto, essa apresentação contemplará apenas alguns desses depoimentos. A pesquisa tentará apontar para o fato que os membros do clero oriental paulistano, através deste meio-termo, entre zelar pela cultura e fé de suas comunidades e a adaptação às contingências da metrópole, buscam inserção e autonomia. Como

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

também sugerir que o discurso religioso é espaço que pode ser usado como forma de se exercer poder, resistência, autonomia, inserção, manter e criar identidades culturais.

Gicelma da Fonseca Torchi Chacarosqui, giondas@hotmail.com

“*EL TORO CANDIL*” COMO ASPECTO DA CULTURA E DAS MISTIÇAGENS SUL-MATO-GROSSENSES. A mestiçagem é um pensamento da mediação que se exerce nos intervalos, nos interstícios, nas fronteiras a partir dos cruzamentos e das trocas, pertence ao território do ato e procede ao deslocamento do que se tinha como categorial, colocando assim em questão princípios, nomeadamente o princípio da identidade. Este trabalho tem como objetivo abordar a rica e estratificada cultura traduzida em significativas produções artísticas sul-mato-grossenses (música, dança, literatura, teatro, pintura, escultura, cinema), verificando particularmente as festividades do “*El Toro Candil*” como fator de mestiçagem e interculturalidade. A presença da mestiçagem privilegia um conjunto de procedimentos formais caracterizados pelo cruzamento de elementos estéticos de múltiplas origens, o que inclui a forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, gerando no receptor certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram integrados nas práticas culturais. Constata-se que cultura sul-mato-grossense assume essa condição mestiça por ter uma trama móvel, em contínua metamorfose, assentada em variáveis elementos de misturas e de mestiçagem. Assim, o conceito de “mestiçagem”, utilizado como procedimento operatório, nesta pesquisa remete aos “modos de estruturação barroco-mestiço que conduzem, pela confluência de materiais em mosaico.” A cultura popular sul-mato-grossense, manifestação de diferentes culturas que se entrelaçam e se misturam, finda na harmonização e recriação de outras revitalizadas bases culturais, ou seja, as influências provenientes de países vizinhos fazem que Mato Grosso do Sul apresente diferenças peculiares em relação aos demais estados da federação. Pouco estudada ou divulgada, a brincadeira do “*El Toro Candil*” (boi – toro em espanhol), feito de arame, pano e a ossatura natural da cara do boi, abatido para a festa, com duas tochas acesas colocadas ao chifre do boi candeeiro (candil – em espanhol). Caracterizando o folguedo, os mascarados (mascaritas – em espanhol)

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

apresentam-se travestidos para não serem reconhecidos (homens e mulheres) brincam entre si, mudam a voz e falam em idioma guarani. A metodologia utilizada na pesquisa proposta, “Manifestação popular do *“El Toro Candil”*, foi embasada na tendência de pesquisa descritiva, usada para descrever, “sistematicamente, fatos e características presentes em uma determinada população ou área de interesse.” (GRESSLER, 2003, p. 54). O referencial teórico para análises são Canclini (2006), para conceituar cultura; para elucidar a natureza do barroquismo ou neo-barroco (SARDUY, 1988); autores da mestiçagem, como Laplantine, Amálio Pinheiro complementam a abordagem acerca da oralidade cultural. Sigristy (2000) e Menegazo (2003) corroboram com reflexões teóricas-críticas acerca da cultura sul-mato-grossense. A manifestação cultural do *El Toro Candil* é o que afirma Bhabha (2007), um trabalho fronteiriço onde ambas as culturas brasileira/paraguaia têm um encontro com algo novo que vai transformar tanto o passado como o presente. Essa idéia do novo como ação rebelde que nos traz o *El Toro Candil* ressignificado, insurgente, mestiço. Criando a ressignificação pela mistura, ou seja, o tradicional com as inovações, o *El Toro Candil* feito de ossatura de boi se vê misturado com o “Boi de Candil” feito de papel machê (o *Toro Candil* novo que surge em Porto Murtinho nos últimos anos). A festa popular, tradicional, em que *El Toro Candil*, aquele feito do esqueleto do boi se mantêm, festa feita em devoção a Nossa Senhora de Caacupé aos poucos se mistura com a cultura de massa de um “*Toro Candil*” alegre, colorido, dançante, que surge em um Festival Internacional em Porto Murtinho e que ganha fama em todo Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil. Mas que não mantêm a tradição popular, que se ressignifica pelo capital, pelas mídias, pelo viés da cultura de massas, pelas infiltrações. No entanto, o popular resiste, não morre, continua, pois é mantido pela fé, pela crença, pela determinação do povo. Acreditamos que é a mestiçagem que unge os elos de intermediação da cultura sul-mato-grossense, pois privilegia um conjunto de procedimentos formais caracterizados pelo cruzamento de elementos artísticos de múltiplas origens, o que inclui a forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, gerando no receptor um certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram integrados nas práticas culturais. Tratamos, portanto, do mundo das representações, incorporadas simbolicamente na complexidade das manifestações culturais sul-mato-grossenses. Portanto, fica claro que a cultura, ao

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

traduzir outros códigos, gera textos que são a base da cultura humana não como acessório de nossa condição, mas sim seu substrato. *El Toro Candil* que acontece em Amambai e Porto Murinho é uma manifestação de cultura sul-mato-grossense que merece destaque, pois está presente nos costumes de nossa gente e que a todo momento recebe novos elementos num processo contínuo de mestiçagem. Afinal são culturas resultantes de passamentos, cruzamentos que ai se fizeram e que resultam no dilema do mosaico cultural que constitui a um só tempo e num só compasso, o que aqueles que vivem do lado de cá, no Brasil e os do lado de lá no Paraguai. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006. GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. LANZA, Sônia Maria; PINHEIRO, Amálio (Orgs.). *Comunicação e cultura, barroco e mestiçagem*. Campo Grande: UNIDERP, 2007. LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. MENEGAZZO, Maria Adélia. Representações artísticas e limites espaciais: o regionalismo revisitado. In: MARINHO, Marcelo; RUSSEFF, Ivan; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Orgs.). *Ensaio farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado*. Campo Grande: UCDB, 2003. PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. Piracicaba: UNIMEP, 1995. SIGRIST, Marlei. *Chão batido: a cultura popular de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS/Secretaria de Cultura e Desporto de MS, 2000.

Instituição de fomento: UFGD

Gustavo dos Santos Prado, gspgustavo.historia@hotmail.com

“HÁ FLORES EM TUDO QUE EU VEJO” – A REPRESENTAÇÃO DA FLOR REALIZADA PELA JUVENTUDE ROQUEIRA DOS ANOS 80. O artigo em questão visa contribuir nos estudos referentes à interlocução entre História, Música e Semiótica, utilizando-se do movimento musical roqueiro dos anos oitenta, que promoveu a ascensão de uma catarse de sentimentalidades, emoções e subjetividades, discutindo o cotidiano de jovens urbanos, ora em tom mais direto e incisivo, ora em tom mais harmonioso e simbólico. Em suas canções, estiveram presentes inúmeros conflitos, tensões e intenções, pluralizados de uma maneira

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

impar, no qual tais sujeitos refletiram sobre seus dilemas existenciais, em um mundo no qual as transformações advindas da modernidade foram e ainda são uma constante. Nesse contexto, flor ou flores, emergiram como símbolo persistente e impactante nas letras e composições artísticas, assumindo inúmeras significâncias e significados, cabendo ao historiador cultural problematizá-los, questioná-los, debatelos e confrontá-los, na expectativa de colaborar com os estudos referentes a tal movimento musical. Para tanto, incluiu-se teóricos que abordam historicamente os anos oitenta, possibilitando novas discussões. Ainda, vislumbrou-se a utilização de autores que interpretam as transformações da modernidade no cotidiano, no qual as mudanças na sociedade emergiram em um grande processo de circularidade cultural, permitindo realizar o debate do símbolo expresso, foco fulcral do presente trabalho. Ainda, pela postura teórica e conduta textual que estão presentes nas pretensões da pesquisa, foi necessário a inclusão de teorias referentes à problematização da subjetividade no ato do fazer histórico. Para problematizar a flor, enquanto um símbolo que expressou ações, atos e condutas dos jovens artistas, realizou-se uma pesquisa apurada sobre as músicas dos anos oitenta, que remetiam ao símbolo em debate, elencando-se cinco canções. Após a seleção das fontes, cada música foi ouvida, de forma incessante, na busca em remetê-las a uma análise discursiva e melódica, via semiótica, que permitiu interpretar porque tal melodia foi expressa daquela forma. Doravante, com tal procedimento concluído, extraiu-se o significado da flor para cada letra trazida para análise, o que permitiu ter em mãos a interpretação discursiva e a composição melódica, respaldando as discussões, cruzamentos e debates entre as diversas fontes. Concluída tal etapa, iniciou-se a elaboração do artigo que conseguiu captar a essência do símbolo existente em cada canção, notando-se que aquele modifica conforme as pretensões dos artistas com relação à flor enquanto representação de suas subjetividades. Doravante, no debate entre fontes, notou-se a gama de possibilidades presentes em tal símbolo, sendo que a pesquisa visou o fazer histórico de um prisma multidisciplinar. Ademais, a flor ou flores, criadas e representadas pelo rock dos anos oitenta, apresentam facetas múltiplas, concomitantes, voláteis e circulares: flores que representam amor e desamor, aproximação e afastamento, música e rock, vida e morte, alegria e tristeza, verdades e mentiras, delírios e suicídios, artistas e fãs, renascimento e nascimento. Em suma, chegou-se ao resultado de que o rock dos anos referidos foi “coberto por inúmeras flores”, cabendo ao historiador predispor-se a enfrentar tais desafios, que em seu término, possibilitam resultados positivos; o que conota ao trabalho, pela

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

forma que a pesquisa foi desenvolvida, com seus procedimentos teórico-metodológicos, ligação e proximidade às pretensões do III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura, bem como ao grupo temático Cultura, Práticas Narrativas e História. ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil (1978-1089)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais da juventude*. São Paulo: Moderna, 2004. Cazusa. *O assassinato da flor*. Álbum: Ideologia. Universal Music Group, 1988. COELHO, Maria Cláudia. Juventude e sentimentos de vazio: idolatria e relações amorosas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido na inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Ira! *Flores em você*. Álbum: Mudança de Comportamento, WEA, 1985. Kid Abelha. *Os outros*. Álbum: Educação Sentimental. WEA, 1985. Legião Urbana. *As flores do mal*. Álbum: Uma outra estação, 1997. LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Portugal: Relógio d'Água, 1983. MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005. SANTAELLA, Lucia. Panorama da semiótica geral. In: TOMÁS, Lia. *De sons e signos: música, mídia e contemporaneidade*. São Paulo: EDUC, 1998. TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997. TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Titãs. *Flores*. Álbum: Ô Blésq Blom, WEA, 1989.

Instituição de fomento: CNPq

Hiran de Moura Possas, hiranpp@hotmail.com

O JOGRAL É JORNAL: DEVORAÇÕES DAS/NAS “ACONTECÊNCIAS” DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA. Abrindo frentes de trabalho nas espessuras do manancial de produções do poeta-jornalista “parido” nas/das terras do Grão-Pará para o mundo, Antonio Juraci Siqueira, por meio da Teoria Midiática de Pross, há o entendimento de que os meios primários de comunicação estão sempre inscritos ou

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

adquirindo nova vida nas mídias secundárias e terciárias, mosaico de incertezas e de fusões dos aparentemente “inconciliáveis”. Essa Tela Barroca promotora, e ao mesmo tempo sendo vítima da provisoriedade e dos encaixes, vem especialmente pelo terreno movediço da identidade, rompendo, recusando ou ultrapassando preceitos pautados na universalidade, nas identidades fixas e unitárias e no monolinguismo, em favor do que chamo de uma identidade-boto, tecendo sujeitos culturais “contaminados” pela mescla de simbioses e transmutações não resolvidas das/nas trocas sociais, não havendo espaço para leituras pautadas na essência cultural, mas sim identidades relacionais e flutuantes, simplesmente concebidas como identificação ou massa oscilante e colorida. Ao obedecer a motivações de natureza “obscuras” ou “inexplicáveis”, sobretudo para as mentalidades sedimentadas nos terrenos de feições cartesianas, as leituras de Antonio Juraci Siqueira para as identidades das Amazônias são geralmente consideradas férias da razão, ficção ou fruto da imaginação, o que para sociólogos e semioticistas como Morin e Bistryna, respectivamente, seriam um laboratório para “reciclagem” do real nas zonas imaginárias, ou melhor, estratégias de desenvolvimento do “ainda-não-ser”, uma categoria indicativa de como deveria ser o que estar por vir e como antecipar soluções práticas para os problemas do futuro. O amanhã deixa de ser insondável para se vincular à realidade como expectativa de libertação e de desalienação. Sendo essa criatura que forja e é forjada pelo jogo intersemiótico, Antonio Juraci Siqueira sabe ajustar sua “linguagem” a uma situação “caótica”, construindo um fazer poético-jornalístico repelindo as raízes em favor dos rizomas, aqueles que vão ao encontro de outras raízes, fraturando um universal generalizante para as identidades. Sua vocalidade, seu blog e suas produções escritas são extensões de possibilidades de armazenamento de histórias não oficializadas, estratégias de sobrevivência para as vozes de mentalidades pouco ouvidas, veículo de expressão, principalmente para grupos fadados à invisibilidade sócio-cultural. Uma suposta noção de embate entre o oral, o escrito e a mídia terciária vem perdendo espaço para o estudo da produção de obras híbridas, no sentido de que o discurso oral vem sendo legitimado na escritura e nas mídias elétricas. Fadadas a devorarem e serem devoradas pelas culturas, suas astúcias enunciativas – incursões semióticas – transitam por uma linha tênue entre o desejo de construção de um pensamento multicultural e, simultaneamente, transparecer imagens

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

associadas ao folclorismo, especialmente quando transporta para seu blog, o “blog do boto”, suas performances e produções escritas, ainda que sua intenção seja apenas a de se fazer memória, oralidade midiaticizada mecanicamente com perda de espontaneidade, mas “necessária” para adiamento, prolongamento e repetição no tempo e no espaço de uma memória coletiva. Tecer um caminho para o acesso ao(s) “objeto(s)”, cuja pesquisa se propõe a problematizar, gera a necessidade de ordenação da forma sistemática para como testar, observar, questionar ou investigar esses objetos. Comungando do pensamento de Michel Foucault ao se mostrar arredio a simulacros metodológicos normatizados ou roteiros pré-estabelecidos, tenho a pretensão de dispor de ferramentas e alguns cuidados “metodológicos” essenciais para a execução desse exercício epistemológico, dentre os quais, percorrer metaforicamente um campo de provas compreendido em três fases: a primeira consistirá no levantamento bibliográfico, inclusive sobre o manancial de produções textuais de Antonio Juraci Siqueira, cenário este recortado para leituras às temáticas em consideração: oralidade, escrita, mídia terciária, imaginário, identidades e memórias; a segunda fará a exploração deste material (leitura dessas fontes decompostas em unidades de significado), para elaboração de um “sumário” ou de categorias provisórias para sistematizar ou dar inteligibilidade ao que se pretende abordar; a terceira dará trato exaustivo a estas leituras, na busca da construção do exercício de escrita aqui proposto, esperando nessa, jornada hercúlea, pelos terrenos movediços de diferentes epistemologias, contribuir para que futuros leitores, principalmente nossos alunos, não se assujeitem cegamente a valores convencionalizados, como daqueles que costumam atrelar suas supostas identidades aos arquétipos normativos impostos a outras culturas, como também aos pensamentos multiculturalistas “maliciosos”, tão bem descritos por William Pinar, nos quais certos sujeitos culturais fazem estrategicamente um reconhecimento parcial do outro, desconsiderado, mais tarde, em cenas sociais que tanto testemunhamos. BAITELLO JÚNIOR, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus, 2010. BISTRYNA, Ivan. *Inconsciente e cultura*. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/html/uploads/c92ac044-6a20-5fe3.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000. LEGROS, Patrick et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

PINAR, William. Multiculturalismo malicioso. In: *Currículo sem fronteiras*, v. 9, n. 2, p. 149-168, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, julialuciaoliveira@gmail.com

A QUESTÃO DA ESCUTA NO ESPAÇO URBANO. A questão da escuta nos grandes centros urbanos, as conseqüências da saturação sonora para o corpo e para a mente, as alterações no processo de percepção sonora do cidadão contemporâneo, assim como a necessidade de se estabelecer a diferença entre a audição dispersa e a escuta atenta são algumas das reflexões apontadas no texto em questão. Trata-se de uma reflexão sobre as diferentes formas de permanência do som na sociedade coordenada pela fragmentação do tempo, dos espaços e pela velocidade de transmissão das imagens. Portanto, o texto em questão parte do reconhecimento das conseqüências provocadas pelos avanços tecnológicos digitais no processo de produção-reprodução, veiculação, compartilhamento, e conseqüentemente na formulação estética das mensagens sonoras veiculadas através de aparatos eletrônicos como o rádio e nos demais 'produtos' sonoros; para discutir algumas questões relativas à escuta diante da presença contínua e insistente do som no espaço urbano das grandes metrópoles. Com os avanços tecnológicos na engenharia eletrônica do áudio, a gravação do som permitiu, dentre outras ações, a estocagem e a reprodução destas sonoridades independentemente da presença física de seus autores. Com as ferramentas multimídias as possibilidades avançam no compartilhamento de arquivos sonoros de produção individual ou grupal, pois *plugado* na internet ou *off line* nos tocadores de arquivos sonoros (mp3, mp4, *ipod*) ou nos aparelhos celulares é possível entrar em contato com os mais diferentes formatos de produções radiofônicas ou 'produtos sonoros'. Este avanço tecnológico das ferramentas multimídias permite também a interferência na materialidade sonora em si: novas combinações, ritmos, melodias e vozes. O som torna-se um material não só acumulável, como também manipulável, permitindo cada vez mais novas formas de organização, produção e compartilhamento. Toda esta possibilidade de produzir-reproduzir, estocar, interferir e compartilhar sonoridades extrapola os fones do ouvinte contemporâneo para compor a paisagem

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

sonora dos espaços urbanos. São máquinas de falar que abordam o transeunte apressado através de seus auto-falantes, cujas mensagens sonoras se misturam aos ruídos provocados por emissores que compõem as grandes cidades: são os transportes coletivos, os veículos automotores, o comércio formal e informal, os maquinários. Signos de uma contemporaneidade que em nome dos desenvolvimentos emitem ruídos cujos índices quase sempre ultrapassam o recomendável pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Houve um momento em que o som no espaço público era fator de aproximação – o badalar do sino, o soar dos tambores ou gongos, o passar da banda, o auto-falante das praças. Na sociedade contemporânea a saturação sonora acompanhada pela valorização da imagem nos grandes centros urbanos nos aponta para a necessidade de pensarmos como todo esse universo do som é assimilado pelo cidadão – ouvinte de hoje muitas vezes indiferente ou até mesmo desconectado, já que como extensão carrega consigo sua própria sonoridade. Dispositivos sonoros móveis e onipresentes por meio dos quais levanta seu muro sônico de isolamento em relação ao entorno. “Não é a música que os aparelhos portáteis estão vendendo e veiculando; são os modos de escuta, desejo de escapar, de construir um mundo sonoro próprio. Ao mesmo tempo, quando o corpo-escuta foge, também cria outro território sonoro, uma escuta desterritorializada, nômade, que nem por isso é menos aprisionador.” (OBIC, 2008, p. 126). A partir dos conceitos de escuta, paisagem sonora (ambientes *hi fi* e *lo fi*) do pesquisador canadense Murray Schafer, em diálogo com as reflexões do sociólogo alemão Georg Simmel sobre o embotamento dos sentidos (nomeado de “atitude *blasé*”) e com as reflexões sobre a hipertrofia do olhar em consequência da saturação da imagem desenvolvidas por Norval Baitello, o texto aponta para as consequências da saturação sonora para a escuta e, portanto, para o corpo. Pretende também evidenciar a valorização do silêncio pelo setor imobiliário e o evento *No Music Day* como índice da necessidade de se repensar o som no espaço das cidades.

Jurema Mascaranhas Paes, juremapaes@hotmail.com.br

ALMA DOS CAMINHOS – HISTÓRIA DO TROPEIRISMO NO ALTO SERTÃO BAIANO. Essa comunicação tem como objetivo apresentar a história do tropeirismo

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

no Alto Sertão Baiano através do Auto do Tropeiro Gonsalim de Elomar Figueira Mello e dos livros de Abílio Barreto e Hugo Carvalho Ramos, autores que imortalizaram a saga dos tropeiros. É um trabalho de História cultural. A música de Elomar e os livros de Abílio Barreto e Hugo Carvalho Ramos imortalizaram a saga dos tropeiros. Quem pega estrada entre o interior e o litoral do Brasil, passa por pesados caminhões. Do período colonial, até meados do século passado, boa parte do intercâmbio entre o interior e o litoral da América portuguesa era feita pelas tropas, que foram muito atuantes no período em que o Alto Sertão da Bahia desenvolvia uma série de atividades econômicas, como a mineração, a plantação do algodão, a policultura e a pecuária. Levando produtos para as regiões vizinhas, à capital e ao seu recôncavo, elas duraram até meados do século XX. O tropeiro era, ao mesmo tempo, comerciante, emissário oficial, correio, intermediário de negócios, portador de bilhetes e recados, aviador de encomendas e receitas. Para dar conta desse legado, a literatura e letras de músicas oferecem um amplo painel da saga de quatro séculos desses heróis das estradas de areia e de barro. Um dos que se valeu do tema como fonte de inspiração foi o cantor e compositor Elomar no seu disco *Na quadrada das águas perdidas* (1979), na passagem do *Auto do Tropeiro Gonsalim*, mas muitos outros criadores, como Chiquinha Gonzaga (1847-1935), eternizaram canções como *A partida do tropeiro*, em parceria com Catulo da Paixão Cearense (1863-1946). Os escritores Afonso Arinos, Abílio Barreto, Carlos Nascimento Silva e muitos outros também registraram a vida e os costumes dos tropeiros. A obra de Elomar é um valioso fio condutor pelo fato do compositor ser um autêntico representante do Alto Sertão baiano e por suas canções se basearem nas experiências dos tropeiros que ele conheceu quando criança. O *Auto do Tropeiro Gonsalim* reúne mais de 30 composições na temática do tropeirismo e fala da vida desse tropeiro. Bastam trechos de algumas delas para ilustrar o cotidiano e a importância do tropeiro, a realidade das estradas, sua faceta de comerciante e a de grande responsável pela circulação das informações. Em *Tirana*, vê-se que o sonho do tropeiro que rondava o Alto Sertão baiano era ter uma tropa grande, completa, equipada e luxuosa, para que pudesse um dia ir a Portugal encontrar-se com o rei. De acordo com Elomar, o tropeiro via Portugal como uma praça, um povoado onde havia uma feira semanal, como ocorre em muitas cidadezinhas do interior nordestino. “Das coisa de minha ceguêra aquela qui eu mais quiria/ formá u’a tropa

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

intêra e arribá no mundo um dia/ cabeçada de uma arrôba vinte campa de arrilia/ cruzêta riata nova rabichola e peitoral/ e arriça fazendo ruaça/ a tropa na bôca da praça/ do Rêno de Portugal.” As letras das músicas do Auto mostram a grande riqueza do dialeto falado pelos tropeiros: os registros coloquiais, as expressões populares, sobretudo os vocábulos e expressões que permeavam suas relações sociais. “Istrada rial”, segundo o compositor, é a estrada por onde passou o rei e que havia sido pavimentada pelo ouro da coroa. “Cabeçada de uma arroba vinte campa de arrelia” e “cruzeta riata nova rabichola e peitoral” são termos que se referem aos recursos da tropa. “Buneca” é o animal que vai à frente. A poesia de Elomar, além de falar dos anseios do tropeiro, reflete também as dificuldades da vida estradeira. Como a história do tropeiro Gonsalim se passa no final do século XIX, o autor evoca a seca de Noventinha, uma das mais inclementes que já ocorreu no sertão nordestino. Essa seca fez diminuir o fluxo de tropas em todo o interior da Bahia, mas a escassez de alimentos não era um fenômeno localizado, como afirma o historiador Erivaldo Fagundes Neves, em sua tese *Da sesmaria ao minifúndio* (1995). Ela não só atingiu a Bahia como outros estados nordestinos, e provocou um aumento no preço das mercadorias, forçando a população a se deslocar na busca de mantimentos para sobreviver. A vida do tropeiro era de chegadas e partidas constantes. Trilhas, caminhos e estradas faziam parte do seu cotidiano e, por isso, ele mantinha uma relação especial com os seus companheiros de atividade, como arrieiros, ferreiros, ferradores e comerciantes de couro e de corda. Em outro trecho, dois tropeiros se encontram na estrada e conversam sobre a seca que castigava o sertão. Além do fluxo de informações, o que mais se nota no diálogo é o uso de um dialeto tipicamente catingueiro: “Ô Quilimero assunta meu irirmão/ iantes mermo que nós dois saudemo/ eu te pergunto naquele refrão/ qui na fartura nós sempre cantemo/ na catinga tá chueno/ ribeirão istão inchendo/ na catinga tá chueno/ ribeirão istão incheno.” De acordo com Elomar, Quilimero foi tropeiro nas margens do rio Gavião, região de Vitória da Conquista, no período da seca de Noventinha. Forçado pela seca, ele teve que abandonar sua rota costumeira – que ia do sudoeste da Bahia ao norte de Minas – para buscar farinha em Nazaré, no Recôncavo Baiano. No caminho, encontrou-se com Gonsalim e sua tropa, que vinham de Salvador, já de retorno para o rio Gavião, ansioso por notícias do sertão. A composição das tropas variava de acordo com a região, mas um modelo que ficou

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

marcado refere-se àquelas típicas do Vale do Paraíba, que trazia na frente o madrinheiro, garoto de até doze anos que guiava os animais. O terceiro e o quinto burro carregavam jacás, cestos usados para o transporte de carga – na Bahia, panacuns. O tocador ou tropeiro, que ajudava a conduzir o grupo, seguia a pé. Em primeiro plano, ia o arreador, responsável pelo comércio de carga. E, fechando a tropa, vinha o culatreiro, o animal preferido dos salteadores. O culatreiro diz-se da função de um tropeiro que vinha conduzindo os animais no fim da tropa, ou do animal do grupo que anda sempre atrás do rebanho. Era o preferido dos salteadores porque sem o mesmo a tropa perdia a guia, se desorganizava e ficava mais fácil de roubar os carregamentos. No conto *O tropeiro*, de Abílio Barreto (1883-1957), observa-se o folclore que girava em torno das mercadorias levadas pelas tropas: “Belos tempos aqueles das minhas viagens com tropa do Calhau por êsses Sertões afora, onde não se falava senão nas chitas, nos colares, na iaiá de ouro, nos grandes lenços estampados, nas rendas de bilros da Bahia, no pano da costa e em mil outras coisas que nos traziam os canoieiros. Ao Calhau vinha ter tudo isso e dali carregava eu tudo isso por estes mundos [...]. Éramos, como disse Fulgêncio, um grande entreposto comercial do Norte de Minas e do Sul da Bahia.” Outro exemplo literário é o livro *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo Carvalho Ramos (1895-1921), que vê a questão através de imagens que ficaram retidas na memória do escritor goiano. Nele, o autor fala de quando os tropeiros chegavam da labuta e tinham que desarmar toda a tropa para poderem descansar: “O tropeiro empilhou a carga à frente aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas do alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde.” As páginas de *Tropas e boiadas*, além de espelharem um modo de vida regional, repleto do mais vivo realismo, valem-se da cultura típica da região Centro-Oeste. É clara a semelhança entre a linguagem utilizada por Hugo de Carvalho e aquela entoada pelo baiano Elomar em *No Auto do Tropeiro Gonsalim*. De certa forma, pode-se dizer que os tropeiros e aqueles que cantaram e contaram suas histórias no Alto Sertão da Bahia têm uma coisa em comum: encurtaram as distâncias do Brasil, integrando suas culturas. ALMEIDA, Aloísio, *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Martins, 1971. AS MINAS GERAIS. Disponível em: <www.asminasgerais.com.br>. Acesso em: 10 out. 2011. GOULART, José Alípio.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Tropas e tropeiros na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
LENHARO, Alcir. *As tropas de moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. São Paulo: Símbolo, 1979. LP *Na quadrada das Águas Perdidas*, de Elomar Figueira Mello.

Instituição de fomento: CAPES

Jurema Mascarenhas Paes, juremapaes@hotmail.com.br

LUIZ GONZAGA: MÚSICA E MESTIÇAGEM. A música, assim como os outros objetos da cultura que se desenvolveram no Brasil, possui um caráter mestiço, e a música de Luiz Gonzaga, personagem central desta pesquisa, não poderia ser entendida de forma diferente ou fora desse raciocínio. A mestiçagem cultural questiona conceitos e instituições trazidos de outras tradições, especialmente a racionalista européia. Perceber o caráter mestiço da música de Gonzaga é atentar para o processo histórico-cultural da formação dessa música, para os movimentos de junção, atritos e mesclas das linguagens, e não apenas para os elementos que a constituíram. É atentar para a dinâmica, a relação, as conexões entre as forças, as estratégias que estiveram subjacentes às características estéticas e simbólicas dos discursos construídos. Esse potencial híbrido e mestiço, às vezes questionador e caótico, às vezes apaziguador e cordial, está presente em muitas manifestações culturais na América Latina e também na música.

Lais Santoyo Lopes, laislopes@gmail.com

DINÂMICA DO TEXTO JORNALÍSTICO: MONTAGEM DAS IMAGENS FOTOJORNALÍSTICAS E DISCURSOS DE PODER. O objeto de estudo do presente artigo é o potencial dinâmico do texto jornalístico, como seu conhecimento se constrói a partir da montagem de diferentes narrativas. Estas provêm das operações da imagem fotojornalística e seu caráter híbrido, além da editoração da notícia e da inserção de discursos de poder. Busca-se compreender em que medida os diferentes textos contidos na notícia se dialetizam, ou seja, se ao ler o jornal há possibilidade de operacionalizar procedimentos de tradução além daqueles previstos pelo emissor. É possível que a montagem do fotojornalismo altere os parâmetros de

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

compreensão do texto jornalístico e, por meio da natureza ambivalente do seu regime de sentido, participe ativamente na construção de uma visibilidade aberta e em movimento, que desafie a estabilidade da informação dada e possibilite a crítica ao próprio formato jornalístico? Portanto, seu objetivo consiste em investigar se a montagem fotojornalística é capaz e desencadear um processo cognitivo relacional no receptor que buscaria construir visibilidades alternativas a partir de uma visualidade dada, questionando a fixidez do conhecimento. É uma hipótese desta pesquisa que o jornal, como lugar oficial e legitimado do conhecimento e da cultura, opere predominantemente como um dispositivo de poder que naturaliza o domínio da lógica do mercado, pois ao realizar uma separação na distribuição das capacidades sensíveis do receptor, incentiva apenas a atividade passiva de contemplação e consumo de espetáculo e reduz o potencial das imagens a uma relação de simples estesia. Desse modo, pode dificultar ou impossibilitar a prática emancipatória, que seria a operacionalização por parte do receptor de visibilidades polifônicas e críticas, ao fornecer uma narrativa fechada e eliminar a ambivalência das imagens através da construção de uma visibilidade limitada e funcional. Assim, é preciso averiguar como os elementos de editoração estrategicamente alteram a visualidade do fotojornalismo, procurando direcionar os efeitos de recepção para uma visibilidade excludente e purificada. Se a chave de leitura da notícia é consequência dessa visibilidade produzida na montagem do texto total da notícia, em que medida ela poderia ser prevista estrategicamente pelo emissor? Por outro lado, os processos culturais são de natureza móvel e geradora de variação e persistem operando independentemente da orientação político-ideológica dos sujeitos, o que em certa medida possibilita que novas estratégias não antecipadas pelo sistema continuem surgindo. Logo, a segunda hipótese concebe as imagens fotojornalísticas e o texto da notícia como um espaço de luta pelo sentido, um campo dinâmico de batalha ideológica. Assim, procura-se investigar em que medida os procedimentos artísticos geradores de indeterminação comumente empregados pelo fotojornalismo se realizam enquanto contra-dispositivos emancipatórios, mesmo através da mídia de massa, ou se deixam agenciar a serviço de uma outra causa, sendo operacionalizados como dispositivos de poder na construção do texto da notícia e servindo ao consumo do espetáculo e à disseminação de conhecimento-regulação. O quadro teórico se articula principalmente em torno das obras de

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Rancière, Latour, Morin, Lotman, Agamben e Debord. Pela abordagem da filosofia estética de Rancière, é possível compreender as operações que estão em jogo nas imagens através da distinção de suas funções nos regimes de semelhança e hiper-semelhança e seu intertecer na imagem fotográfica. Essa dupla poética da fotografia permite desenvolver a idéia da imagem fotojornalística como um texto híbrido, tendo como base o conceito de texto de Lotman e da leitura do papel dos híbridos por Latour. Quanto a construção do discurso jornalístico, parte-se do conceito de dispositivo discutido por Agamben e da teoria a respeito da sociedade do espetáculo de Debord. A visão de Debord, no entanto, é considerada conjuntamente a um entendimento mais complexo sobre os processos culturais e o papel da linguagem desenvolvido por Morin, Lotman, Rancière e Agamben. A metodologia de trabalho compreende um estudo teórico-empírico, iniciando-se por uma revisão bibliográfica seguida pela análise de uma reportagem do tipo *featurenews*, notícia de atualidade, do jornal Folha de S. Paulo, na qual constam fotografias de Sebastião Salgado. Algumas das conclusões obtidas apontam para a presença de uma leve, porém existente, tensão energética nas estruturas do texto. Se, por um lado, alguns procedimentos artísticos tem sua visibilidade anulada ou cooptada para o espetáculo, por outro, nota-se pontos com potencial dialético. Concluiu-se também que as estratégias eficazes na reportagem analisada não necessariamente se realizam em outras notícias do mesmo jornal, sendo que sua eficácia está ligada a especificidades da montagem do texto em questão.

Instituição de fomento: CNPq

Liliane Luz, lililuz@gmail.com

O QUE MEDIA O CORPO QUE DANÇA: TENSÕES ENTRE O LOCAL E O GLOBAL DOS VIDEODANÇAS PRODUZIDOS NA CIDADE DE FORTALEZA (CE). O videodança é um dispositivo que interfere na rede de comunicação (AGAMBEN, 2009). O videodança não é uma novidade que chegou junto com os avanços da tecnologia. Em 1822, a atriz e bailarina Loïe Fuller começa a mostrar em suas apresentações algo parecido, que hoje denominamos de videodança. Os videodanças que serão analisados foram produzidos na cidade de Fortaleza, no período de 2001/2010. Assim observamos que os cineastas utilizaram nesses

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

vídeos elementos da cultura regional como: bacias de alumínio, praças da cidade, o mar, a renda e as cantigas de roda. Desse modo, os elementos que são encontrados nas produções dos vídeodanças aparecem integrados aos contextos, temas e dilemas da sociedade moderna, que são tratados nas obras? Para investigar os processos de comunicação nos vídeodanças será empregada a Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2010) que permite uma abordagem da comunicação corpo-ambiente. Essa teoria se adequa por permitir ver o quê do ambiente foi incorporado à memória do corpo. Partindo da hipótese de que existe uma epistemologia do sul, inserido nos vídeodanças produzidos na cidade de Fortaleza, fazemos a seguinte pergunta que gera a investigação desta pesquisa: os vídeodanças produzidos na região do Nordeste, mais precisamente em Fortaleza, sofrem intervenções da cultura local? Outra questão que se agrega a esta: o corpo já está formatado para representar as referências locais? E a tradição cultural pode ser reconhecida nos vídeodanças? Por outro lado, discute-se também nesse trabalho a busca dos artistas por novos suportes para transformar a dança e apresentar seus trabalhos com um estilo particular e diferenciado. O hibridismo (CANCLINI, 2008) também será estudado, pois para que o vídeodança exista ele precisa fazer uso da hibridação, onde os recursos utilizados são a dança, o audiovisual e a fotografia. O que garante a coerência do cruzamento é uma homologia de probabilidades nas transições espaço-temporal, pois este acordo criaria as condições para que a informação de fora possa ser percebida e levada para dentro do corpo (KATZ; GREINER, 2010). Essas reflexões estão apoiadas em Oliveira (2000), Santos (2000, 2010 e 2011), Agamben (2009) e Canclini (2008) e Santos (2002).

Lisani Albertini de Souza, lisani.albertini@yahoo.com

OS SOTAQUES CORPO EM MOVIMENTO – UM PROCESSO DE TRADUÇÃO EM TRÂNSITO ENTRE AS ESPACIALIDADES DO CORPO E DO AMBIENTE. Caminhar é provavelmente umas das ações humanas mais arcaicas. Deslocar-se espacialmente sempre fez parte da história humana. O caminhar, além de mero movimento físico, ganha movimento simbólico quando observamos a relação rítmica musicada corporalmente pelo desenrolar dos passos, pelo gingado do corpo e pela

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

organização corporal dos cidadãos que, construída no processo de mediação entre o corpo e do ambiente, gera signos que traduzem a espacialidade que o envolve. Caminhar pelas cidades é como realizar um mergulho profundo em signos culturais. Os corpos em trânsito pelo ambiente produzem conhecimento. Este é escrito neurologicamente em mapas neurais e expresso no movimento. Ao transitarmos por ambientes comuns e sermos invadidos por textos culturais semelhantes, surgem zonas de similaridade entre as poesias do corpo em movimento. A pluralidade do ritmo e do movimento parece perder a força, abrindo espaço para os Sotaques Corpo. O corpo aprende a relacionar-se com a espacialidade, com a arquitetura da cidade, com os materiais que dão forma às ruas, às casas, aos móveis, às roupas, com os ritmos musicais, com os sabores, com os hábitos culturais, etc. A gestualidade humana está repleta de signos e esses são passados a décadas, séculos ou até mesmo a milênios através de processos de contaminação. Klaus Vianna dizia que a gestualidade humana é uma espécie de revelação do que as pessoas são e pensam e que os índices e gestos corporais surgem em consonância com o processo histórico e cultural de uma sociedade. As ruas escrevem no corpo do transeunte o seu ritmo, o seu jeito e o seu gingado. Habitar ou caminhar por um espaço não se limita ao simples trânsito sobre a fisicalidade concreta do local, mas configura-se como um processo de mediação no qual a espacialidade corporal e a espacialidade do ambiente devoram-se e transformam-se mutuamente. Assim, o homem constrói a cidade como uma extensão de suas necessidades, desejos e cultura, e a cidade, testemunha dos processos históricos, transforma a cultura, os desejos e o corpo do homem. Quando falarmos dos sotaques do corpo, estamos trazendo a tona um entre-lugar que perpassa os corpos, um sotaque do ritmo, da organização óssea e da dramaturgia gestual. A mediação entre o corpo e o ambiente, segundo Greiner (2005), ocorre em processos co-evolutivos os quais produzem “uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais.” Os sotaques do corpo encontram-se nessas redes de pré-disposições. O corpo produz conhecimento ao devorar as espacialidades. Estar parado fisicamente não significa ausência de movimento, mas sim um trânsito signico que invade o corpo e produz conhecimento. Enquanto vivo, o corpo não tem sequer um minuto de pausa. Ao entrar em contato com a diferença, o corpo a incorpora e a expõe, testando exercícios radicais de tradução (GREINER, 2005). Os corpos

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

devoram ritmos, geografias, arquiteturas, sabores, sorrisos, emoções, temperaturas, materiais, objetos, hábitos, gestos, etc e expõem gingados, organizações ósseas, ações, outros gestos, etc. Expõem “sotaques do ritmo e do corpo em movimento” ao traduzir corporalmente as informações da espacialidade. O corpo, como leitor vivente do espaço participa dos processos de mediação, deixando de ser um mero corpo físico composto por braços, pernas, órgãos, células e passa a ser uma espacialidade viva e mutante, que conta indicialmente a história do homem, da comunicação e da cultura. Esta pesquisa pretende apontar caminhos para um embasamento teórico do termo sotaques do corpo. O termo sotaques do corpo utilizado neste artigo origina-se da expressão “sotaques do corpo e do ritmo em movimento” criada pelo preparador corporal, dançarino e pesquisador do corpo, Klauss Vianna. Este termo surge em um trabalho prático denominado “O que está por trás dos gestos brasileiros”. Durante a investigação constata-se que existe um sotaque do ritmo do corpo em movimento no Brasil. Esse sotaque possui regiões comuns e zonas de distinção variando de região para região, de cidade para cidade, de sujeito para sujeito. Apesar da pesquisa desenvolvida pelo grupo de dança junto a Klauss Vianna ser extremamente interessante, ela foi interrompida, deixando apenas alguns apontamentos superficiais sobre o que seriam os sotaques do ritmo e do corpo em movimento. Como fundamentação teórica partimos da noção de corpomídia de Katz e Greiner (2005), dos estudos acerca da espacialidade desenvolvidos por Lucrecia Ferrara (2008), dos estudos de Serge Gruzinski (2001) e de Amálio Pinheiro que discutem a cultura latino-americana por meio do conceito de mestiçagem, dos estudos de Homi Bhabha (2003) acerca dos estereótipos culturais, das pesquisas de James Hillman publicadas em seu *Cidade e Alma* (1926), bem como dos estudos acerca dos textos culturais desenvolvidos por Yuri Lotman (1996). Para conhecer com maior profundidade o trabalho desenvolvido por Vianna, ler a obra dos autores VIANNA, Klauss; CARVALHO, Marco Antonio de. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005 ou entrar no site <www.klaussvianna.art.br>.

Luís Fernando dos Reis Pereira, lfreispereira@gmail.com

MESTIÇAGEM E SEMIÓTICA DA CULTURA COMO INSTRUMENTO PARA A INVESTIGAÇÃO DOS GIBIS ESTADUNIDENSES DE SUPER-HERÓIS. A

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

mestiçagem, como elaboração conceitual própria da América Ibérica, deve ser traduzida e desdobrada para investigar diferentes contextos culturais, assim como toda teoria estrangeira requer traduções e aproximações para ser aplicada a diferentes situações, histórica e socialmente localizadas. Dessa forma, as dinâmicas mestiças, em perspectiva, podem nos ajudar a compreender elaborações de outros ambientes culturais, com suas tendências e estruturas próprias. A semiótica da cultura, da mesma forma, também requer tais reelaborações para aplicação relevante aos ambientes sógnicos e de linguagem diversos daqueles, russos, nos quais foram inicialmente elaborados. Ao investigarmos os gibis de super-heróis estadunidenses procuramos, justamente, tais balanços e acomodações tradutórias.

Luís Fernando dos Reis Pereira, lfreispereira@gmail.com

SUPER-HERÓIS: AS ESFERAS ÉPICAS E OS ESPAÇOS COTIDIANOS. A apresentação é baseada em capítulo da tese de doutoramento defendida em 2010 – “Os perpétuos e os incompletos: permanência e movimento nos gibis de super-heróis e na série Sandman” – pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Partimos da verificação de que os gibis de super-heróis estadunidenses constituem gênero narrativo que apresenta elementos épicos em sua estrutura. Os personagens, capazes de feitos extraordinários, seguem a trilha dos heróis das epopéias, com traços de exterioridade, acabamento, destinação elevada e identidade originária. Podemos considerar o surgimento do Superman, em 1938, na revista Action Comics #1, como fato inaugural da tradição dos super-heróis nas histórias em quadrinhos. O nome super-herói, inclusive, parece ter se originado por sua causa. As principais editoras estadunidenses de super-heróis (que inclusive possuem o copyright do termo “superhero”) são a DC Comics e a Marvel Comics. Ambas as empresas desenvolveram o conceito de “universo”, fundamental para a compreensão do fenômeno dos super-heróis. No mundo dos quadrinhos, “universo” é o nome dado ao ambiente onde se passam as histórias dos super-heróis. Há o Universo DC e o Universo Marvel. Os “universos” são quase idênticos ao mundo real, com quase a mesma história, ruas, prédios, países, mas são “encantados”, digamos, por ciência extremamente avançada, poderes místicos, alienígenas, gênios do mal, etc. Os “universos” são nosso mundo habitado por seres sobre-humanos. Os

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

super-heróis têm suas próprias histórias – os mais famosos, seus próprios gibis. O Homem-Aranha, o Superman, o Batman, os X-men, por exemplo, têm um ou mais títulos mensais que narram suas trajetórias e aventuras. Alguns personagens e grupos criados há mais de 50 anos continuam apresentando-se jovens, sem sinais de envelhecimento, resguardados, nas páginas de papel, da ação do tempo. O cotidiano dos super-heróis é feito de desafios grandiosos. Ainda assim, eles estão à altura das tarefas que devem cumprir, e não somente por terem superpoderes, mas principalmente por seus traços de caráter, como coragem, idealismo, responsabilidade, lealdade, etc. Sem tais características, suas habilidades especiais, ainda que extraordinárias, seriam insuficientes. Nosso objetivo é demonstrar como os gibis estadunidenses de super-heróis se apropriaram de certos elementos heroicos de outras narrativas, dando-lhes novas formas, traduzindo-as para contar novas histórias. Um dos gêneros que contribuíram para a criação dos seres super-humanos foi o épico ou, ao menos, certas ideias e elementos presentes nas narrativas de caráter épico. Também podemos citar contribuições dos romances de cavalaria, de ficção científica, entre outros. Em razão da familiaridade com os épicos, os super-heróis compartilham características presentes na constituição do herói “dos grandes gêneros distanciados [...] inteiramente perfeito e terminado. Ele é concluído num alto nível heroico, [...] coincide consigo próprio e é igual a si mesmo. Ademais, ele é completamente exteriorizado. Entre a sua verdadeira essência e o seu aspecto exterior não há a menor discrepância.” Os super-heróis herdaram certas características de acabamento do épico. Os ciclos reparadores da ordem (do mundo e de si mesmos) que se repetem em grande parte das histórias de super-heróis estabelecem personagens com níveis de completude, sobretudo no que diz respeito à sua postura heróica. Apesar das dúvidas passageiras e circunstanciais, o super-herói tende a encontrar o caminho de volta ao seu modo de vida. Seu olhar de questionamento serve antes à afirmação da permanência do que à reorganização através da mudança. Chegamos, assim, ao conceito de presente absoluto, do tempo-espetáculo, da novidade constante que descarta, contudo, mudanças ou alterações. Ao personagem cabe a adaptação. O presente absoluto substitui, como tempo acabado, o passado absoluto do gênero épico, dando o substrato necessário à manutenção da identidade e da constância heróica do ponto de vista lógico-formal. Porém, apesar de habitar tais esferas épicas, o presente absoluto traz certa

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

aproximação inevitável física com o mundo real, com seus fluxos cotidianos, e cria condições para que o herói conviva com alguns aspectos do dia-a-dia – contradição que promove a quebra eventual de sua elevação heróica e leva o personagem, a narrativa, a incorporar elementos “inferiores”, “menores”, ao menos em relação à magnitude de seu destino grandiloquente. Tal articulação do heroísmo com o plano cotidiano, nos quadrinhos, é expressa de diversas formas, como teremos oportunidade de expor com mais detalhes. Diferente da epopéia, nos quadrinhos de super-heróis não há qualquer possibilidade de estabelecer uma distância absoluta com o presente. Assim, os super-heróis são obrigados a conviver com o mundo comum. Nesse gênero de gibis, as experiências mais inovadoras surgem quando elementos de pouca relevância ou ausentes na maioria das narrativas são articulados com os temas centrais. São nesses momentos que se dão deslocamentos e variações combinatórias, elementos altos são relativizados e os baixos ganham destaque. São desvios que revitalizam o gênero e são, ao mesmo tempo, retorno reelaborado – restauração inventiva – aos tradicionais cartuns críticos e às tirinhas de humor inusitado presentes nos jornais desde o surgimento dos quadrinhos. Elementos estimulantes do riso – como a incompletude, a falha e a fissura – abrem espaços para novos significados, caracterizando diferentes formas de relação entre os textos. Os elementos de heroísmo são reelaborados segundo novos parâmetros, trazidos pelo contato com o cotidiano. Contribuem para nossa análise o conceito de semiosfera de Lotman, os estudos literário-filosóficos de Bakhtin, o pensamento das mestiçagens latino-americanas, as teorias críticas da comunicação e outros autores preocupados com a articulação entre linguagem, cultura e estruturas narrativas.

Instituição de fomento: CNPq

Marcelo Flório, mflorio@uol.com.br

O CINEMA COMO EXPRESSÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS: AS VIVÊNCIAS NO PÓS-SEGUNDA GUERRA NO FILME LADRÕES DE BICICLETA (LADRI DI BICICLETI) DE VITTORIO DE SICA. Em diálogo com as reflexões sobre o cinema como expressão de práticas culturais, este trabalho de pesquisa propõe como problemática o estudo imagético das vivências no pós-segunda guerra no filme

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Ladrões de Bicicleta (*Ladri di Bicicleti*, de 1948), do cineasta Vittorio De Sica. A interpretação desse filme permite a percepção de uma crítica ao universo da indústria cultural hollywoodiana e à sua proposta de cinema como fábrica de sonhos e fuga da realidade, à medida que Vittorio de Sica, cineasta do movimento neo-realista italiano, constrói cenários naturalistas ao capturar imagetivamente uma Itália destruída no final da segunda guerra mundial. Entende-se que essa produção cinematográfica opta por uma estética que tematiza as subjetividades em dificuldades de sobrevivência psíquica e física no pós-guerra.

Instituição de fomento: UAM

Maria Lucia de Paiva Jacobini, mlpjacobini@yahoo.com.br

A AMÉRICA LATINA NO DISCURSO DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL: UM QUESTIONAMENTO SOBRE O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO AGENTES DE MUDANÇA. As notícias sobre crises econômicas, de alcance global, têm sido frequentes nos meios de comunicação nos últimos anos. Dentro deste momento, este trabalho apresenta uma discussão baseada em minha pesquisa de doutorado sobre o tratamento dado pela mídia, tanto para as crises financeiras quanto para o espaço da América Latina, como local de crises permanentes. Nesse sentido, face à multiplicidade de informação que busca retratar as crises econômicas, a hipótese deste trabalho é de que o contexto de crise evidencia um estado de exceção permanente dentro da perspectiva da ordem econômica mundial. Neste estado de exceção os países em desenvolvimento poderiam ser entendidos como uma extensão da figura do *homo sacer* proposta por Agamben. No entanto, os meios de comunicação, ao divulgarem a crise, não dão voz ou tomam conhecimento de outros cenários que são característicos por viverem continuamente a mesma situação. Como resultado, o pós-moderno não representaria de imediato uma alternativa de pensamento ao moderno, e em muito parece continuar com as mesmas exclusões. Justamente porque as referidas crises continuam presentes nas notícias e no cotidiano, mostra-se fundamental tentar compreender a ideia de crise e de América Latina e sua capacidade de mudança através dos meios de comunicação. Partindo da hipótese de que há uma tentativa de aproximação de crises globais para o contexto local (leia-se economia brasileira), a discussão sobre

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

se há alguma indicação de alternativas ao sistema e seus problemas inerentes – a crise permanente ou estado de exceção – ou apenas uma apresentação do impacto como transposição de uma situação alheia, é de grande importância para se chegar à possibilidade de superação de contextos desfavoráveis. Por fim, considerando os objetivos de superação da crise e retomada do desenvolvimento socioeconômico brasileiro (e conseqüente transformação da relação de inclusão e exclusão da ordem mundial), um estudo interdisciplinar pode lançar luz à forma de gerar e reproduzir os conteúdos que tanto são debatidos hoje pelos meios de comunicação, mundiais e brasileiros. Exatamente por isso, o tema mostra-se pertinente e atual com um evidente impacto sobre o futuro ainda incerto do pós-crise. Assim, este trabalho pretende apresentar, a partir de uma discussão teórica sobre a proposta de alternativa à ciência moderna ocidental e a concretização da vida líquida ou da pós-modernidade, os conceitos de vida nua, *homo sacer* e soberania de Agamben seguidos de um paralelo entre o estado de exceção que existe nos momentos de crise econômica e na vida de certos países considerados em desenvolvimento. Em seguida será discutida a ideia de que os meios de comunicação funcionam como dispositivos e polícia de poder ao invés de representarem uma profanação das verdades estabelecidas e, como conseqüência, países latinoamericanos perdem espaço para atuar como sujeitos de transformação.

Instituição de fomento: CNPq

Marlise Borges, marlise_b@yahoo.com.br

FORMAÇÕES MUSICAIS ACÚSTICAS E TECNOLÓGICAS NA AMAZÔNIA. É comprovado que a Amazônia (mais especificamente o estado do Pará) é uma região de notáveis músicos. Se os ares caribenhos foram os responsáveis pela riqueza rítmica, ou se a quantidade de índios e negros foi determinante e/ou quão importantes foram os europeus colonizadores, o fato é que toda essa mistura de culturas, etnias e comportamentos gerou um estado de excelência musical. Aproveito para sustentar tal afirmativa com uma citação de Amálio Pinheiro, quando fala de um universo constituído por diferentes células de linguagens, “que foram trocadas pelas civilizações e entraram na composição dos objetos que estão presentes hoje, na América Latina e são formados por elementos africanos,

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

indígenas, portugueses e espanhóis, numa tradução mútua.” (PINHEIRO, 1994). Porém, o momento atual dessa riqueza artística, musical, é de incerteza. Não se ouve agora o que há de mais essencial – estou falando de um escoamento da produção musical. Escoamento este, que hoje, só o movimento *Brega* pode se orgulhar. Mas o *Brega* não pode representar o Pará e a Amazônia. Se isto for estabelecido, então o *Axé Music* representaria a Bahia, no lugar de um Dorival Caymmi, um João Gilberto ou, para ir mais longe, os Tropicalistas Gilberto Gil e Caetano Veloso. A *Tchê Music* representaria o Rio Grande do Sul, no lugar de um Vitor Ramil, ou, para ir mais longe, da eterna estrela Elis Regina. E o forró ‘moderno’ do nordeste? Será que este tem o direito de representar o nordeste, esquecendo o Rei do Baião Luís Gonzaga e tantos outros talentos da música nordestina? Isto, porque nem cheguei a falar do pagode e da música sertaneja ‘moderna’ (que impera em São Paulo) e do Funk carioca. “Impõe-se aqui a atitude de consciência política, de se estar lidando com produção de grupos sociais sujeitos à subalternidade, à máquina poderosa do capitalismo que os exaure, à comunicação de massas que produz sem cessar novos feitos, fazendo com que se processem sempre novas informações, forçando a uma contínua reinterpretação dos repertórios tradicionais. Não dá para deixar de pensar numa interação permanente, numa modernização caótica.” (FERREIRA, 1985, p. 4). Faz-se necessário, pois, posicionar as coisas, para que não se perca o senso básico da música, como transgressão estética. Da música como beleza humana. Da música que faz do homem, ele próprio, obra de arte, como afirmou Friedrich Nietzsche (1993), em *O nascimento da tragédia*. Nietzsche diz que a canção popular é, antes de tudo, o espelho musical do mundo, melodia originária, que agora anda em busca de uma aparência onírica paralela e a expressa na poesia. Pode parecer uma enorme ousadia invocar o filósofo para falar da música amazônica, num exercício de dilaceramento de cânones. Sim, pois para alguns deve soar como heresia invocar a filosofia para encontrar a arte popular. Entretanto, é preciso não esquecer que, no que toca às artes, apenas uma delas pode ser considerada ‘arte universal’: a música! Lamentavelmente, a música produzida no Brasil nos últimos anos do século XX e primeiros anos do século XXI, transformou-se exclusivamente em produto vendável para a grande massa. E isso está presente desde a relação artista/mídia, a relação com o mercado fonográfico, até os meios de distribuição do material produzido. “A palavra “produção”, em seu

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

uso corrente relacionado ao fazer artístico, diz respeito a uma série de profissões forjadas pelo processo de industrialização da cultura que envolve os meios de comunicação de massas surgidos no decorrer do século XX. No campo da música, o produtor musical, que nasceu como uma função burocrática – ligando o interesse dos empresários do setor e a “tecnoestrutura” das empresas capitalistas aos artistas, tornou-se uma peça-chave dentro da trajetória e consolidação da indústria fonográfica. Mediando fundamentalmente os interesses e as demandas artísticas e mercadológicas, o profissional se viu progressivamente fortalecido.” (SILVA, 2009, p. 111). O público consumidor (o grande público), hoje, não compreende mais a música de sua região como tradição, com seus instrumentos característicos e, principalmente, sua temática. Ao contrário, outros (inúmeros) elementos foram incorporados, tendo como justificativas a modernidade e a contemporaneidade. Até a voz do artista, um dos pontos mais marcantes da canção popular, não é mais primordial. Hoje, há colisão de estilos musicais. O analógico das guitarras se funde com o digital dos meios eletrônicos e das baterias tocadas de forma robótica. Tudo bem que os *Tropicalistas* experimentaram essa fusão do acústico com o eletrônico, no final do anos 60, mas esta mistura foi algo especialmente inteligente, interessante e instigante. Bem diferente de estéticas baseadas em *clicks* e interferências (como fazem muitos grupos musicais atuais). Foi uma estética inovadora para a época, diria mesmo que necessária, e que acabou caracterizando o movimento Tropicalista no período em que reinava a Ditadura Militar no País. É fato que a música, nos tempos atuais, tem influência direta das tecnologias, novos formatos, diferentes processos de gravação e a questão posta na mesa é: como o público de hoje está consumindo a nova música popular urbana? Trata-se de uma música midiaticizada (a relação do público é através da indústria e da tecnologia); de uma música massiva (chega a milhões de pessoas) e de uma música moderna (há uma relação simbiótica com a indústria cultural, as novas tecnologias e as comunicações) onde este mesmo público desenvolve sua capacidade de expressar o presente, tempo histórico fundamental para a audiência jovem, que a sustenta. Esta pesquisa, portanto, tem como objetivos acompanhar a criação musical e midiática na Amazônia, sob uma perspectiva crítica, tendo como destaque o estado do Pará. Como procedimentos metodológicos, pretende-se mapear as diferentes formações musicais da região, principalmente nos séculos XX e XXI e realizar pesquisas de campo nas mídias

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

sonoras e digitais locais (rádios AM e FM) e em outros suportes midiáticos (TVS, internet, jornais, revistas). Também seguirá princípios de análise das hibridações musicais e sonoras, enfocando o confronto da riqueza musical paraense com a indústria de massas e ainda analisar o modo como essa arte (a música) vai se relacionar com os meios massivos de comunicação. O campo teórico de referência se dará em torno dos conceitos de oralidade, performances, memória, cultura popular, cultura erudita, cultura de massa, folclore, tradição, mestiçagem e indústria cultural. Os teóricos da Comunicação e da Cultura (entre eles Jesus Martin Barbero e Boaventura de Sousa Santos) e a Semiótica da Cultura (Semiótica Russa) irão fundamentar os caminhos, sustentando e dando apoios ao desenvolvimento da pesquisa. FERREIRA, Jerusa Pires. Quero que vá tudo pro inferno – cultura popular e indústria cultural. *Revista Comunicação e Sociedade*, n. 13, São Paulo, 1985. NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição*. Piracicaba: Unimep, 1994. SILVA, Heitor da Luz. Produtores musicais: indícios para uma análise sobre legitimidade e autoridade cultural na música popular massiva contemporânea a partir de “Astros”. *Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)*, ano XIX, v. 1, n. 5, São Luís, UFMA, jan./dez. 2009.

Instituição de fomento: CNPq

Mila Goudet, milagoudet@gmail.com

A AMÉRICA LATINA SEGUNDO A IMAGEM: DESLIZAMENTOS LITERÁRIOS NA HISTÓRIA. Contar a história do continente americano é, para José Lezama Lima, nunca alcançar a verdade, porque entende que o fato histórico é de partida uma ficção. A história clássica almeja a cientificidade na reconstrução de uma totalidade comprovada pela ordenação cronológico-causal dos acontecimentos, e a reafirmação de uma origem normativa dos fatos. Porém, acreditamos que dadas as inúmeras matrizes culturais que nos constituíram latino-americanos – e que continuam a aumentar em pluralidade – escancara-se o real multiforme, assimétrico e mutante do nosso continente, tão difícil de ser apreendido e compreendido através das formas clássicas da ciência ocidental. Assumindo a impossibilidade americana

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

em se encaixar nas verdades históricas consagradas, Lezama sugere ao historiador desviar sua busca de uma verdade científica para uma verdade poética. Aconselha o uso da imaginação e da criação de realidades a partir da rede de imagens instaladas no imaginário universal, imagens estas tanto eruditas como populares, encontradas nas lendas do mundo todo, nas epopéias gregas e também nos compêndios históricos oficiais. Lezama monta possibilidades histórico-poéticas através do engaste dos fragmentos de imagens emprestadas e inventadas, para no final obter uma imagem, um sentido, porém sem destinar a esta imagem a dura obrigação da verdade unívoca, assumindo as inevitáveis desigualdades entre o “ser” e a imagem. Alejo Carpentier é outro grande autor que também utiliza a imagem poética para rastrear e recuperar a intensidade de um acontecimento histórico. Para isso, Carpentier evoca a exuberância cultural do continente americano, através do caráter pangéico dos fenômenos naturais que ocorrem por aqui, aproximando a opulência natural da fartura cultural. A idéia de que possa haver riqueza cultural em ambiente tão selvagem e descontrolado é uma concepção que a ciência ocidental tende a negar. Carpentier quer inscrever a América na história do ocidente como o espaço do encontro *prodigioso* de díspares culturais, históricos, temporais e naturais e o termo que encontra para definir a paisagem cultural que o rodeia é o Realismo Maravilhoso, que não deve ser confundido com uma realidade idílica. Como ressalta Irlemar Chiampi, o autor cunha o termo “para designar, não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental.” O autor adverte em seu romance *O Reino desse Mundo*, no qual narra a história da independência do Haiti, a sucessão dos fatos extraordinários contados que pode, segundo o autor, ser checada nas fontes oficiais quanto à cronologia, veracidade dos personagens principais e até mesmo dos secundários, bem como os locais dos acontecimentos, mas o *maravilhoso* de Carpentier não tem nada a ver com o belo simétrico e harmônico. É na crueldade, na tirania, na violência emaranhada na paisagem fenomenal e na confluência de raças e de temporalidades coexistentes que se localiza a percepção deste maravilhoso. Viver na América é conviver com a impossibilidade de verdades absolutas, ou ainda, trata-se de uma experiência nas fronteiras geográficas e culturais, no limiar dos arquivos conhecidos. Severo Sarduy, também cubano como os outros dois autores, estabelece conexões entre séries culturais diferentes para dizer que as matrizes

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

culturais do continente estão em constante conexão e movimento. Na citação abaixo, o autor aproxima a língua castelhana das arquiteturas barrocas, por seu arranjo compositivo em mosaico das diversas contribuições culturais engastadas desde o período das descobertas. “La lengua de los conquistadores, el castellano, es como la fachada de una iglesia barroca en la Habana, en Taxco o en Minas Gerais: las líneas generales, la composición, incluso los aleros y volutas son sin duda europeos, pero los índios trajeron de las minas o de las plantaciones donde trabajaban o de sus aldeas a orilla del mar, pequeños detalles, cosas bellas, llenas de colorido, decorativas que engastaron, engarzaron, injertaron en esas fachadas. Por eso se puede hablarse en América de un barroco minero o azucarero. En todo caso, la fachada, a fuerza de añadiduras se convierte en taracea, en ploriferación de signos, em reflejo de cores y formas. Lo mismo se sucede con la lengua. Desde la conquista y hasta nuestros días se le injertan nuevos ornamentos, palabras y giros antes no usados.” (SARDUY, 2000, p. 175). Quando Sarduy utiliza uma das infinitas paletas de cores das Américas, ele não deseja retratar uma paisagem calma e idílica do Caribe, porém problematizar o tempo histórico clássico. Para isso a paleta de cores de Sarduy torna-se uma ferramenta, pensada ao modo de Guattari para articular sua crítica. “Forjar un lenguaje significa inventar palabras, palabras-claves, palabras-equipaje, en el mejor de los casos, palabras-herramientas capaces de abrir una problemática, de movilizarla y de articularla em campos diversos. “No creo ni en la literatura ni en la filosofía universal, sino más bien en las virtudes de las lenguas menores.”” (GUATTARI, 2008, p. 179). Alejo Carpentier, Severo Sarduy e José Lezama Lima incorporaram através da literatura a missão de inscrever as Américas na História Universal, longe do exotismo e do folclorismo tropical. Todos eles, mesmo com distintas escrituras, tratam da dificuldade diante da indizibilidade do objeto América. A literatura e os ensaios de altíssima qualidade produzidos por estes três autores dialogam com os discursos oficiais, agregando elementos poéticos que não pertencem à história, mas que complementam com perspectivas saborosas, mesmo que não comprováveis, e talvez, por isso mesmo, como aberturas potentes de “possíveis”. Isto se dá porque a engenhosidade da linguagem textual destes autores transborda os limites da literatura para entrar em relação dinâmica com as outras séries culturais, tais como a dança, o vestuário, a comida, a festa. CHIAMPI, Irleamar. A história tecida pela imagem. In: LEZAMA LIMA, José. *A expressão*

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

americana. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 15-41. CHIAMPI, Irleamar. *Barroco e modernidade: ensaios sobre literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1998. LEZAMA LIMA, José. *A dignidade da poesia*. São Paulo: Ática: 1996. LINS, Daniel. Transcrição de parte da palestra proferida por Daniel Lins. Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/video/morte-como-acontecimento-daniel-lins>>. Acesso em: 21 jul. 2010. O MODERNO E O CONTRAMODERNO: a metáfora barroca de Jose Lezama Lima. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/01/13-irleamar.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2009. SARDUY, Severo. *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1979. SARDUY, Severo. *Antología*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.

Instituição de fomento: UNIP

Munir Lutfé Ayoub, munirlutfé@gmail.com

ODIN E THOR: A BRIGA MITOLÓGICA COM UM FUNDO SOCIAL. Este trabalho tem por finalidade analisar as figuras de dois Deuses da mitologia nórdica, o primeiro Deus é Odin, o Deus da guerra e da aristocracia. Odin aparece por muitos momentos como o progenitor das linhagens reais em muitos locais como, por exemplo, na linhagem dos Volsungos, linhagem esta a qual pertenceu um dos grandes heróis das sagas escandinavas, o lendário Sigurd. O segundo Deus a ser analisado é o Deus Thor, um Deus com características agrárias, tendo seus principais cultos feitos pelos fazendeiros e agricultores. Thor na mitologia escandinava fora identificado como um Deus controlador dos bons e maus tempos. Durante as narrativas mitológicas e as sagas dos reis ou dos heróis escandinavos, a figura destes Deuses se faz muito presente. Além disso, encontramos também constantes discussões e disputas entre estes Deuses. Uma das disputas que podemos observar e a presente no livro denominado Edda Maior, um dos livros onde encontramos a mitologia nórdica fixada, há o poema denominado Hárbarðzljóð. Nele encontramos o deus Thor voltando de suas viagens à terra dos gigantes, onde Thor ia matar estes seres, pois acreditava-se que se Thor não os matasse estes iriam atrapalhar o equilíbrio da terra. Na sua viagem de volta, Thor encontra pelo caminho um rio e dentro deste um barqueiro. Thor imediatamente ordena que o barqueiro o atravessasse, porém o barqueiro se recusa. Quase no final do poema, após muitas

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

discussões entre Thor e o barqueiro, descobrimos que este é, na verdade, o Deus Odin, portanto, este poema se caracteriza como mais um dos poemas onde podemos encontrar as brigas destes dois Deuses. Para entendermos um pouco mais o contexto histórico que irá marcar a relação entre estes dois Deuses precisamos entender o território onde hoje se localiza a atual Islândia. Este território foi o berço da maioria das produções literárias das sagas e também das fixações mitológicas, como o livro denominado Edda Snorra Sturlusonar. A Islândia, no período Viking, por volta dos anos de 874, recebeu um grande número de noruegueses que fugiam de suas terras, na atual Noruega, para habitarem a ilha da Islândia. Esta fuga fora feita por fazendeiros pressionados pela expansão de um rei chamado Harald Finehair. Nesta fuga, muitos noruegueses acabam por levar às terras da Islândia o culto ao Deus Thor, além de guardarem consigo uma grande rivalidade ao Deus Odin, que seria o Deus legitimador dos reis que expulsaram estes fazendeiros de suas terras na Noruega. Muitas sagas, como a Brennu-Njáls, saga mesmo após a cristianização da Islândia, continua a exaltar Thor e atacar a imagem do Deus Odin. Nesta saga, encontramos uma passagem onde o Deus Odin é chamado de cachorro, enquanto o Deus Thor em uma discussão entre uma mulher pagã e um missionário cristão acaba por ser exaltado, portanto nos mostrando mais uma destas oposições que foram marcadas entre Thor e Odin. Portanto, podemos compreender o Deus Odin como um deus da aristocracia e da realeza, enquanto o Deus Thor é um Deus cultuado pelos fazendeiros e agricultores, portanto, as brigas e as imagens formadas dos mesmos vão sofrer constantes influências marcadas pela contínua briga entre os fazendeiros e os camponeses contra a aristocracia e a realeza no mundo escandinavo. Este trabalho tem por finalidade mostrar que a disputa e as imagens literária e mitológica feitas entre os Deuses Odin e Thor tem por de trás um caráter social e de poder presente no mundo escandinavo, além de ressaltar que a literatura e a mitologia se constituem por um produto humano de cunho cultural que carrega em seu seio as histórias e tensões daqueles povos que as produziram. A metodologia aplicada neste trabalho tem como base a semiótica aplicada na literatura e na mitologia, acreditando que estes textos foram produzidos em um contexto e por pessoas inseridas no mesmo, portanto, carregam em si valores e símbolos que ao se contraporem com outras literaturas e outras produções de fixação mitológica acabam por demonstrar diferentes perspectivas e ideais

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

presentes, formadoras e que em algumas ocasiões marcam oposição dentro de um período histórico e de um mundo como em nosso caso o escandinavo. Temos, portanto, como principal resultado obtido por esta pesquisa uma compreensão de que a literatura e a mitologia escandinava carregam em seu seio as tensões e vivências do período denominado Viking, além de nunca se caracterizarem como algo fixo, moldando seus símbolos, de acordo com suas vivências.

Instituição de fomento: CAPES

Nataniél Dal Moro, natanieldalmoro@bol.com.br

UMA CIDADE (IN)CIVILIZADA: ELITE, POVO COMUM E VIVER URBANO EM CAMPO GRANDE (DÉCADAS DE 1960-70). Quem pode dizer quais rumos uma cidade deve ou não seguir? Quem são estes sujeitos? O que fazem? Como fazem? De que formas materializam seus projetos? Que formas de comunicação utilizam? Estas e outras questões são fundamentais para que se possa compreender o objeto-sujeito cidade numa perspectiva que se aproxima da história social contemporânea sem negar a história política renovada, assim como os estudos sobre as elites dirigentes e o povo comum. Deve-se pensar a cidade como um território que é alterado pelos sujeitos históricos. Ao fazerem estas práticas sociais acabam por mostrar não apenas a urbe que intentam materializar, mas externam igualmente os sujeitos que são e os projetos que valorizam ou rejeitam. A elite, por sua vez, mostrou-se historicamente receosa da presença e atuação neste espaço do que se convencionou chamar na historiografia de “perigosas massas” ou de “povo comum”. A imprensa diária fornece-nos fontes de grande valia para esta empreitada. Nas páginas dos jornais encontra-se uma gama de assuntos que foram considerados pelas elites condutoras como incômodos para a cidade de Campo Grande nas décadas de 1960-70. Os confrontos entre o arcaico e o moderno, o ilegal e o legal, a cidade desorganizada e a ordeira, o emergente e o residual são constâncias que merecem ser analisadas e cotejadas com outras realidades. Há momentos, no entanto, em que isso não se torna possível. Quando não se tem acesso a determinadas fontes essa tarefa fica, em parte, comprometida, mas não em sua essência. Resta ao historiador, então, trabalhar com os documentos existentes, mesmo que eles tenham sido legados ao presente por culturas hegemônicas, como

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

afirmou Walter Benjamin (1985, 157), e, sendo assim, ressaltam mais os feitos, os valores e as realizações destes grupos dirigentes e não das pessoas mais simples, do povo comum, que também habitava no espaço urbano. Ao analisar a contrapelo estes documentos produzidos por setores letrados da elite local, como sugeriu Benjamin, vê-se que no espaço público da cidade de Campo Grande reinava não apenas o esteticamente adequado, os modos civilizados e a ordem. Esse espaço era também um território para a prática do esteticamente inadequado, para a realização de modos incivilizados e, portanto, era igualmente um reino da desordem. É muito importante ressaltar que a existência deste reino da desordem no espaço público da cidade de Campo Grande se deve em larga medida às próprias ações políticas empreendidas pelos governos federais, em particular os militares, pois fomentaram sistematicamente o avanço da fronteira agrícola sobre terras do Oeste brasileiro, processo que expulsou milhões de pessoas do campo, fazendo com que a maior parte destas migrassem para áreas urbanas. No entender de José Graziano da Silva, este modelo de desenvolvimento só foi possível devido a existência de uma Ditadura Militar no Brasil, grandemente apoiada por setores da burguesia nacional. A política efetivada nesta época, em especial nos anos da década de 1970, produziu uma ocupação sistemática de certas áreas territoriais, sendo que muitas foram transformadas em lavouras monocultoras. De acordo com José Graziano da Silva (1982, p. 40), foi uma “modernização induzida através de pesados custos sociais e que só vingou pelo amparo do Estado.” Nas cidades houve aumento populacional e, também, demográfico. Contudo, no campo o aumento demográfico não foi tão intenso quanto nas cidades. Isso porque nessas décadas ocorreu elevada migração do campo para as zonas urbanas. A concentração fundiária e a mecanização da produção agro-pecuária seguramente contribuíram em significativa proporção para o êxodo rural, daí o inexpressivo aumento da demografia rural quando comparada com a urbana. Portanto, a migração ocorrida no território que atualmente compõe o Estado de Mato Grosso do Sul não se deu apenas de outras Unidades Federativas do Brasil para o então sul de Mato Grosso. Outros tantos migrantes vieram do interior do próprio Estado para as cidades de maior porte. Sobre a migração de outros Estados, no decorrer desse período, especificamente no sul de Mato Grosso, chegaram cerca de 500 mil sujeitos, sobretudo provenientes dos Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Goiás e Rio Grande do Sul. Essas pessoas

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

vinham à região por várias razões, mas em especial em busca de uma vida melhor, sobretudo no aspecto econômico. Na verdade, pode-se dizer as políticas públicas e os empreendimentos privados expulsaram boa parte dos trabalhadores rurais e indígenas dos territórios que os mesmos ocupavam e nos quais desenvolviam majoritariamente a agricultura de subsistência e a pecuária leiteira. Sem dúvida as zonas urbanas das municipalidades de Dourados e de Campo Grande, cujas infra-estruturas eram limitadas, “sofreram” com a chegada de milhares de migrantes do campo. Nesse ambiente surge, e também é reforçada, uma cidade imprópria para os objetivos civilizatórios desta elite, pois é uma cidade que se mostra com muita força e por isso mesmo coloca em dúvida o poder desta mesma elite, e em especial a sua capacidade política de conduzir aquele espaço, transformando-o ou mantendo-o “civilizado”, particularmente do ponto de vista material. A situação visual da cidade era a prova mais incontestável disso, sendo que os jornais citadinos mostram apropriadamente essa realidade. Intentando transformar a cidade num espaço “mais civilizado”, o periódico *Jornal Correio do Estado* se prestou a divulgar sistematicamente nas décadas de 1960-70 matérias que retratavam a “pouca civilidade” de algumas pessoas e a criticar a estrutura física de alguns territórios da urbe. Por vezes, o impresso orientou a sociedade, sinalizando quais ações podiam, ou não, ser feitas no espaço urbano-citadino. O *Jornal Correio do Estado* foi fundado em 7 de fevereiro de 1954 e era o principal, e também o mais importante, meio de comunicação impressa de Campo Grande e de muitas municipalidades do sul de Mato Grosso, defendendo abertamente em suas páginas a existência de uma cidade moderna e civilizada. Nesse sentido, praticamente tudo o que não se enquadrava neste molde era criticado e criminalizado, havendo uma luta constante para eliminar tal realidade da urbe campo-grandense. CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIX siècle*. Paris: Plon, 1958. Nessa obra, já clássica na historiografia sobre o povo comum e elite, há exemplificações pontuais a respeito do medo que as elites tinham das perigosas massas. Em específico sobre o medo da burguesia industrial francesa diante dos operários, ver PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. Jesús Martín-Barbero, por seu turno, coloca em diálogo comparativo as análises de Tocqueville, Stuart Mill, Engels, Gustave Le Bon, Wilhelm Reich, Max Weber e Ferdinand Tönnies, mostrando os

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

comprometimentos e sobretudo as subjetividades destes autores em relação as “perigosas massas” num mundo que instituíra leis universais, regidas não mais por estamentos mas sim pelas decisões da maioria, pelo menos do ponto de vista teórico. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2008, p. 52-61. Para uma definição conceitual do termo “povo comum”, ver o escrito de HOBBSAWM, Eric. A outra história: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick. *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985. GRAZIANO DA SILVA, José. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Instituição de fomento: CAPES

Neide Aparecida Marinho, namarinho@uol.com.br

LENDAS E EXPRESSÕES POPULARES NO UNIVERSO DA FOLKCOMUNICAÇÃO EM MINAS GERAIS. As manifestações populares e mestiças, por estarem na periferia da cultura, são consideradas inferiores às eruditas, que representam os valores hegemônicos. Os meios de comunicação de massa passaram a incorporar a maioria das manifestações populares, transformando-as em espetáculo. Porém, muitas formas de expressão das camadas periféricas da nossa sociedade não chegam às mídias. Elas se mantêm unicamente pela memória de seus grupos, sendo transmitidas pelas tradições. Estas manifestações fazem parte da Folkcomunicação, teoria criada e desenvolvida em 1967 pelo professor Luiz Beltrão. Este artigo trabalha o fenômeno do Caboclo D'água e das expressões populares mineiras vivenciadas e transmitidas de geração a geração pela oralidade.

Orlando Garcia, orlandohist@gmail.com

A IMAGEM DO ÍNDIO NA CÂMERA DO VÍDEO. Da produção documentária do jornalista Washington Novaes, o filme “Xingu”, nosso objeto de estudo,

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

selecionamos a dança para estudarmos a relação midiática entre a produção fílmica e um “elenco” de índios. É nosso objetivo mostrar o movimento do corpo indígena em função da câmera no ombro e da produção/edição. Captados pelas câmeras de filmagens, esses movimentos nos permitirão identificar o papel que a dança executa no desenvolvimento social da cultura indígena, e a indagar sobre como e com que intenção o processo de filmagem se apropria e lida com alguns elementos dessa cultura. O movimento subtraído da dança possui uma ação transformadora no indivíduo, uma metamorfose, uma transformação contínua, conectando um elemento cultural em outro, realizado por uma correspondência contínua entre ambos, sem misturá-los ou fundi-los. Ao dançar, o índio se apresenta individualizado, único em uma dança circular ou lado a lado, exibindo um espetáculo lúdico, no qual se vê certa dependência entre os que se movem, criam e acompanham melodias e ritmos, rumo à constituição de rituais. Analisaremos, então, a construção ideológica das imagens por meio das câmeras de filmagens; as condições de produção que a propiciou; a relação entre produtor e personagens indígenas no contexto sociocultural e político em que as imagens são produzidas. Para tanto, priorizamos dois aspectos: o da idiosincrasia indígena, correspondente à sua maneira de ver, sentir-se e reagir publicamente por meio de suas experiências corpóreas, e o relacionado à imagem que se quer mostrar de sua performance por meio das filmagens. Faremos este estudo nos reportando a um grupo de autores, dos quais dialogamos aqui com alguns, que nos darão o suporte teórico necessário: Garaudy (1980) garante sobre a ação do homem que, a mesma, através da dança, transforma os ritmos da natureza - ritmos biológicos -, em ritmos voluntários, possibilitando a harmonia na natureza e simultaneamente dominando-a. Por intermédio da dança, neste caso a indígena, expressam-se emoções, sentimentos, impressões, gestos e atividades artísticas, próprias de cada cultura, sendo perceptível pelos movimentos certa aproximação entre sujeito biológico e social, não havendo dissociação entre ambos. Verificamos, no entanto, que os movimentos corpóreos e suas relações com os sons emitidos e com seus parceiros de dança possam traduzir-se em algo que descaracterizem uma identidade: gestos, passos combinados, suores, olhares, toques, enfim, uma variação de elementos mesclando-se durante o ritual espetaculoso. Mendes (2002) explica a relação que Wallon faz da construção da identidade, através do papel do outro, relatando que o eu e o outro

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

não podem existir separadamente. Enfim, o diálogo apresentado até então está entrelaçado com o que emerge e se desenvolve do movimento da dança, articulado, por sua vez, pelo movimento da câmera e da intenção de quem está por trás dela, em uma relação sincrônica, no sentido de sua simultaneidade, e diacrônica, relativo ao que resulta da relação entre ambas, possibilitando assim que uma determine algo da natureza social da outra. Essas interações sociais configuram a personalidade de cada indivíduo, sem caracterizar uma identidade. Vê-se, com isso, que a necessidade de uma pessoa auxiliar a outra na constituição de sua personalidade viabiliza mesclas e encaixes passíveis de identificação através de imagens heterogêneas feitas pelas câmeras de filmagens. Para Gruzinski (1994), o mundo da imagem e do espetáculo é o mundo do híbrido, do sincrético, da mescla, da confusão das raças e das línguas. As imagens, portanto, constituídas heterogeneamente pelas câmeras, assumem características amplas, traduzidas pelos personagens no ato da constituição da cena. Segundo Puccini (2009), os personagens podem assumir formas diversas, não se limitando a personagens sociais; podem estender-se a entidades abstratas, a forças da natureza e a espécies biológicas, como no caso de documentários naturais. Embora nosso propósito seja analisar vídeo-documentário, salientamos a importância sobre o que Duarte (2004) disse da etapa da execução dos produtos televisivos, isto é, que uma de suas fases essenciais é a captação e a gravação de imagens e sons, respeitando o tempo de duração dos acontecimentos na gravação ao vivo ou condensá-los, através de um trabalho de seleção e síntese na montagem e mixagem em uma ilha de edição. Joly (1996) considera a imagem uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos, equivalendo a uma linguagem e, portanto, uma ferramenta de expressão e da comunicação.

Rosiney Isabel Bigatão, rbigattao@uol.com.br

MESTIÇAGENS PELAS ONDAS SONORAS: A INSCRIÇÃO DO RÁDIO NA CULTURA MISTIÇA DO PANTANAL. Mesmo com um aparelho de celular ao lado da guaiaca no cinto de couro, mas longe da internet e das redes móveis em função das especificidades que limitam o uso destes aparatos no Pantanal do Mato Grosso do Sul, o homem que vive e trabalha na região se aproxima do rádio. O aparelho

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

está sempre preso à sela do cavalo, pendurado no galpão durante a lida diária com o gado, faz parte das rodas de tereré – a infusão feita de erva-mate e água fria – e está de tal incorporado a elas que chega a ser como um personagem dos causos – as histórias contadas enquanto a cuia passa de mão em mão para se tomar a bebida. É através dele que o peão pantaneiro recebe recados, se conecta, sincroniza seu tempo, cria vínculos e rituais simbólicos, renova suas tradições, se atualiza. O rádio atualiza também as mesclas que compõem a cultura mestiça do lugar – mestiça aqui entendida como uma trama relacional e conectiva dos modos como se estrutura o pensamento diante das várias incorporações dos materiais em mosaico que a compõem. O que se pretende com este trabalho é estudar as relações midiáticas que se dão entre o peão pantaneiro e o rádio na tentativa de compreender os entrelaçamentos que se fazem a partir daí, entendendo que os mesmos começaram a ocorrer muito antes da chegada da mídia rádio ao Pantanal. Também se pretende analisar como essas incorporações transformam a maneira como ele constrói sua própria visão de mundo e como é visto pela mídia em questão. A análise é feita a partir do Alô Pantanal, um programa diário da Rádio Difusora que está no ar há mais de 40 anos e se mantém praticamente sem alterações em sua estrutura e tem alcance em todo o Pantanal da Nhecolândia, área delimitada para a análise. Entrevistas gravadas com os peões em 11 fazendas pantaneiras durante um ano de viagens também foram incluídas no *corpus* da pesquisa e ajudam a traçar um mapa completamente novo na compreensão de como o peão se vê a partir do entrelaçamento de vozes e matizes propagadas pelas ondas sonoras do rádio. O estudo parte da hipótese que a noção trazida pelo modelo binário e de grande parte das teorias centro-ocidentais que creditam ao rádio, e também a outros meios de comunicação ditos de massa, a responsabilidade pela homogeneização das sociedades consideradas “isoladas” e “puras”, distantes geograficamente dos grandes centros, como o caso da pantaneira, é uma visão distorcida. Contrapondo a essas noções e teorias estudos de teóricos latino-americanos e autores que estudam a mestiçagem se pretende mostrar que os conceitos distorcem e ofuscam as tessituras, pois atrás delas está implícita a ideia de matrizes culturais que se somam de forma histórica linear, que leva sempre os povos de uma fase mais atrasada para uma mais adiantada, principalmente a partir dos equipamentos tecnológicos que eles passam a ter acesso, como se fosse

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

possível voltar a época anterior ao rádio e se resgatar um purismo perdido no passado. Uma forma que nega o conflito, a tensão e o diálogo gerados com a inter-relação midiática entre eles. Para a análise foram usadas as teorias da semiótica da cultura de autores como Iuri Lotman e Paul Zumthor. Autores da mestiçagem como Severo Sarduy, Serge Gruzinski, Amálio Pinheiro, Viveiros de Castro e Nestor Garcia Canclini. Da sociologia do conhecimento (Boaventura de Sousa Santos), de pensadores como Edgar Morin e estudiosos da comunicação como Jesús Martín-Barbero, cujo trabalho ajudou a entender como se dão as relações entre a mídia e o ouvinte. Os estudos apontam que através das ondas sonoras chegam outras linguagens, outras formas de falar, novos personagens e novas mesclas culturais. Essas assimilações acontecem em um ambiente cheio de particularidades onde esses textos culturais, de origens e épocas tão distintas, geram novos textos e através da pesquisa se pode compreender melhor o rico e variado painel que se forma deles, em uma cultura em constante miscigenação. Apontam também que é preciso buscar novas formas de olhar os desenhos que se formam partir destas mesclas, ainda em formação, em um processo contínuo, que tem muito a revelar sobre a cultura do homem pantaneiro e de todo o continente.

Silvia Cáceres, silviacaceres@ufrj.br

JORGE LUIS BORGES E OS PARADOXOS DOS INTELLECTUAIS LATINO-AMERICANOS: UMA LEITURA DESDE A ANÁLISE CRÍTICA DE BEATRIZ SARLO. Borges em “segunda ordem”. O presente trabalho, querendo guardar certa honestidade acadêmica, deve começar por expor um ponto de partida que compreendemos como pouco usual e que, caso o queiramos sustentar como hipótese/caminho de análise teremos de traçar um percurso teórico para a sustentação do mesmo. Começamos por tomar a análise crítica de Jorge Luis Borges por uma de suas principais intérpretes, Beatriz Sarlo, e nessa tomada, concluímos que Borges figura para Sarlo como um intelectual que através de sua obra literária identificou as principais aporias dos intelectuais latino-americanos no percurso histórico da modernidade mundo que o mesmo vivenciou. Desta constatação, emerge uma hipótese de trabalho: a de que Beatriz Sarlo elege Borges como um intelectual que seria parte da genealogia de seus próprios primados de

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

fala, de seu próprio espaço de constituição intelectual. Por que tal hipótese se constitui e o que estamos tentando responder com ela? Nosso atual trabalho para doutoramento não versa sobre Borges ou exclusivamente sobre Sarlo, mas sim sobre a constituição de uma rede intelectual vinculada aos *Estudos Culturais* de vertente britânica no cone sul da América do Sul. Estudos Culturais britânicos é uma nomenclatura que surge na literatura acadêmica como forma de distinguir entre por um lado o campo dos *cultural studies*, campo acadêmico que possui largo desenvolvimento nas universidades americanas e que é um tanto quanto amorfo quanto à filiações teóricas, e por outro, a escola de Birmingham, que comporta uma reflexão sobre cultura iniciada na década de 50 do século XX e que possuía como norte a intenção de tecer uma análise materialista da cultura. Para uma apresentação desta tradição ver CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003. Estamos mapeando essa rede à luz da análise de dois periódicos irmanados na qual a mesma circula e se apresenta publicamente como projeto intelectual: a revista *Punto de Vista* (1979-2008), editada na Argentina por Beatriz Sarlo, e a *Revista de Crítica Cultural* (1990-2008), editada no Chile por Nelly Richard. A hipótese sobre a maneira como Sarlo se apropria de Borges se forma a partir da tentativa de compreender os eixos definidores desse projeto/identidade dos chamados *Estudos Culturais* enquanto rede intelectual no cone sul. Há diversas tradições intelectuais que desembocam, são trabalhadas e transformadas na trajetória dessa rede. Além dos autores vinculados à chamada escola de Birmingham – Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall – a presença da escola de Frankfurt também é notória, sobretudo através de seu membro(?) mais “indisciplinado”: Walter Benjamin. Por certo é polêmico incluir Benjamin dentro da tradição da escola de Frankfurt. A ressalva que levantamos aqui é comum entre os autores que optam por essa descrição: Benjamin pode ser assim incluído no grupo que forma a escola de Frankfurt ao menos como autor que partilhou certo horizonte de questões, embora saibamos que suas conclusões e posicionamentos diverjam por vezes de forma frontal com as conclusões de Adorno e de Horkheimer. Quanto ao uso do termo “indisciplinado”, trata-se de um chiste que se apropria de parte dos argumentos de Benjamin. Esse filósofo que não se adequou às amarras disciplinares de seu tempo. Tais referentes são pensados em diálogo com as profundas transformações epistêmicas vivenciadas nos últimos trinta anos e que

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

aportam o debate intelectual com as contribuições e tensões que emergem dos estudos feministas, pós-coloniais, os estudos subalternos e o desconstrucionismo de Derrida. Refletir sobre a intelectualidade desde uma cena periférica é um *leitmotiv* de tal rede. E é através desse *leitmotiv* que Sarlo irá tomar e trabalhar a obra de Borges. Assim, inicialmente, sua aproximação de Borges parece ser interessada e de segunda ordem, já que em primeira ordem estaria a composição da genealogia de seu lugar de fala intelectual. Sim, Sarlo se aproxima de Borges de forma interessada e constituindo uma “segunda ordem”, mas somente no sentido que a mesma destoa do tipo tradicional de crítica literária que toma as obras da cultura como fins em si. Neste sentido, Benjamin ilumina a postura epistêmica que irá orientar o trabalho de Sarlo. “Não se trata de apresentar as obras literárias no contexto de seu tempo, mas de apresentar, no tempo em que elas nasceram, o tempo que as revela e conhece: o nosso.” No artigo referente ao presente resumo exploraremos melhor as implicações epistêmicas disso, que por ora chamamos de “tomada em segunda ordem”, bem como tentaremos explicitar o nexos que parece existir entre narração – seja essa uma peça historiográfica/sociológica ou literária – e projeto intelectual na obra de Borges tal qual lida por sua crítica Beatriz Sarlo.

Vagner Rodrigues, brvarog@ig.com.br

CÓDIGO E LINGUAGEM NA DANÇA DE SALÃO. Os conceitos de semiosfera, fronteira, texto e memória (LOTMAN, 1996) podem contribuir para o entendimento dos objetos da cultura e sua permanência no tempo. Aproximar tais conceitos para a linguagem das danças de salão ajuda a entender como seus códigos vão se misturando. O objetivo do artigo é transpor tais conceitos para apresentar a dança de salão como um arquivo memorial repleto de micro-estruturas que vão desenhando um complexo jogo de tradução ao longo do tempo, incorporando novas possibilidades de mescla. Em sentido amplo, o universo da dança organiza-se a partir de quatro princípios combinados: corpo, movimento, linguagem e ambiente. É de partida uma linguagem encarnada que traduz em vaivém o conhecimento presente na cultura, trazendo para si o legado memorial construído coletivamente. As diferenças entre uma dança e outra podem ser orientada com estes parâmetros, pois cada uma traduz essa combinatória à sua maneira. O balé clássico e a dança

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

do ventre, por exemplo, lidam de maneiras distintas, mas mesmo assim fazem parte do mesmo espaço semiótico. A dança praticada em salões teve início há mais de cinco séculos e a dança de salão de par enlaçado como é conhecida atualmente tem mais de duzentos anos de existência. Neste longo caminho foi dando continuidade ao seu processo de expansão, adaptando-se às mudanças sociais ocorridas no tempo. Na dança de salão é o passo que possui o dispositivo de memória (LOTMAN, 1996) capaz de filtrar – via fronteira – e seguir adaptando-se às mudanças de sua época. Vale ressaltar, por exemplo, que a dança de salão de cem anos atrás não é a mesma praticada atualmente. Isso é passível de análise quando se entende o passo como um micro-texto, ou seja, uma célula que vai alterando seu modo de existir ao longo do tempo. O passo comporta-se como um código lingüístico compartilhado e o conjunto destes códigos combinados estruturam o vocabulário de movimento da dança de salão. Não funciona por acúmulo de informação, mas através de arquivos de memória coletiva e, portanto, não satura o sistema, logo modifica a sintaxe tradutória de sua existência, negociando com novas informações vindas de textos de mesma natureza (outros passos) ou de textos próximos, como a música. A fronteira entre os passos é um nó irreversível com colaborações diversas que possuem, ao mesmo tempo, células de seu contexto atual, bem como fragmentos de outras épocas, portanto, ela é impura. Torna-se um existente corporificado pela ação e durante o ato de dançar vai aparecendo e ao mesmo tempo desaparecendo, só deixando rastros de memória para quem o vê. Refazer-se no corpo (sua morada) é a estratégia para continuar no mundo e ao se refazer deixa de ser o mesmo de antes. O passo (individual) não é matéria de replicação exata, pois se transforma ao longo do tempo pelos próprios mecanismos internos regidos pelo controle sensório-motor. Transplantando esse procedimento numa cadeia coletiva de pessoas, percebe-se o quanto o passo não existe essencialmente num lugar especial, esperando para ser acessado como um arquivo fechado. Passo é um nome genérico dado a certas organizações de movimento que ganharam estabilidade no tempo, mas que não são totalmente iguais entre um dançante e outro. Se apresenta como acervo incompleto, um sistema aberto que quando corporificado não é armazenado na memória (individual e coletiva) como um arquivo estável e acumulativo.

Instituição de fomento: CNPq

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Yvone Dias Avelino, yvonediasavelino@uol.com.br

HISTÓRIA CULTURAL: PEQUENAS E GRANDES QUESTÕES. Nos anos 80, o Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), depois de algumas reuniões e discussões entre os pares, optou por mudar as suas Linhas de Pesquisa de “Movimentos Sociais” e “Ideologia”, compostas por reflexões de cunho iminentemente marxista, para o eixo central História e Cultura, criando as Linhas de Pesquisa que ainda hoje fazem parte de seu currículo: “Cultura/Cidade”, “Cultura/Trabalho” e “Cultura/Representação”. Estas mudanças ocorreram pelo interesse despertado entre os historiadores nos novos estudos em História Cultural, que implicavam em representações e bifurcações das preocupações da História Social, com orientação marxista, e a nova corrente, com uma virada e abordagem linguística, ou seja, uma releitura dos conceitos de História Social. Vários outros Programas no Brasil, cujas Linhas de Pesquisa eram em História Social e História Econômica passaram para o eixo da História Cultural. Outros Programas que foram surgindo centraram-se diretamente na História Cultural. Segundo indicações do Professor Diogo da Silva Roiz (2008), pesquisador do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), “as pesquisas nos últimos vinte anos estão concentradas em História Cultural, perfazendo um total de 80% de tudo que tem sido produzido nas Universidades brasileiras, tornando-se uma temática constante no mundo inteiro.” Desde então, observamos uma riqueza de produções nessa área, gerando um imenso lucro para o mercado editorial, dadas as temáticas deveras significativas que se desdobram, que seduzem o leitor e implicam em hipertextos, ou seja, uma obra remete o leitor a outra, que remete a outra, e assim por diante, envolvendo uma sociedade que antes, talvez, não tivesse tanto interesse pelos títulos apresentados. Então, usando uma expressão popular, poderíamos dizer que a História se “desbloqueou”, estabelecendo diálogos importantes e substanciosos com vários ramos do conhecimento, exercendo nos agentes dessas relações o inter, o multi e o transdisciplinar. Se pensarmos a História e o papel do historiador ao utilizar a narrativa para produzir as mais diversas interpretações de um acontecimento, estabelecemos a recuperação dos cacos e dos ruídos polifônicos do passado, de modo a criar uma relação nem sempre apaixonante, mas extremamente necessária.

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

O historiador, ao buscar outras áreas de conhecimento que o seduzam, dialoga com elas. Contudo, não abandona o elemento documental, mesmo ao se afastar momentaneamente da História, o que nos permite observar que há sempre, parafraseando Mircea Eliade, um eterno retorno à História. O historiador encontra um universo rico, de múltiplas interpretações, através de um fio condutor, que o leva a conclusões através de percalços, como sustos, alegrias, sobressaltos e rupturas. Como pensa Certeau, “o historiador se instala na fronteira, onde à lei de uma inteligibilidade, encontra seu limite como aquilo que deve incessantemente ultrapassar.” Buscando inspiração em Franz Boas, que no início do século XX fez uma aproximação entre História e Antropologia (CASTRO, 2010), até hoje bastante utilizada, chegando a influenciar obras como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1961), discípulo de Boas, acreditamos que a guinada para a História Cultural permitiu ao historiador avanços mais expressivos nos diálogos constantes com outras áreas, onde antes não se atrevia. A definição de Cultura nem sempre vem da Antropologia. Alfredo Bosi define-a a partir da linguística e da etimologia da palavra cultura/culto/colonização, verbo latino “colo”, que significa “eu ocupo a terra”, não só no sentido de agricultura, mas na produção de valores e conhecimentos. Na segunda metade do século XX, com a História Nova, e as conexões entre a História e outras áreas do conhecimento, com temas mais voltados para o cotidiano e as mentalidades, proliferaram-se os trabalhos em História Cultural. É correto afirmar que a História Cultural é, na realidade, aplicação de um outro nome para aquilo que nos anos 70 era chamado de “História das Mentalidades”. Esta História Cultural resulta em uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular, ou melhor, pela popularização, ou seja, pelo encontro e disseminação dos saberes. Um exemplo disso em histórias mais recentes é *O grande massacre dos gatos*, de Roberto Darnton, que visita a sociedade francesa do século XVIII. Também podemos apontar o historiador americano Lynn Hunt, com sua obra *A nova história cultural*, produzida em quatro ensaios, onde analisa a história da cultura à moda de Foucault, a história da cultura dos “historiadores”, comparando as ideias de Edward Thompson e Natalie Davis, a história da cultura de inspiração antropológica, comparando Geertz e Sahlins, e a história cultural relacionada à crítica literária e a discussão das relações entre história e literatura, comparando Hayden White e Dominick La Capra. Ou seja, no conjunto da obra, comprova o autor a citada pluralidade que caracteriza e

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

dissemina a História Cultural. Citamos também o italiano Carlo Ginzburg, com a obra *O queijo e os vermes*, sobre as ideias de um moleiro condenado como herege pela Inquisição Papal do século XVI. Foi nesta pesquisa que Ginzburg abandonou o conceito de mentalidade e adotou o de cultura popular, ou seja, uma continuidade do processo. Segundo Vainfas, “A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes, numa dimensão sociocultural globalizante. [...] o moleiro Menocchio personifica [...] não a cultura popular em si, mas o complexo processo de circularidade cultural presente num indivíduo que, embora egresso das classes subalternas, sabia ler, e com certeza lera certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, filtrando-os através de valores da cultura camponesa.” Roger Chartier, com o conceito de representação, em sua obra *A história cultural: entre práticas e representações*, afirma que o social só faz sentido nas práticas culturais, e que as classes e grupos só adquirem identidade nas configurações intelectuais nos símbolos de uma realidade contraditória representada. No Brasil, Sandra Pesavento, em *História & história cultural*, no decurso de oito capítulos, preocupou-se em refletir as principais contribuições da nova história cultural às pesquisas históricas na contemporaneidade. Segundo Pesavento, as duas principais correntes do pensamento historiográfico criticadas foram o marxismo e o movimento dos Annales, dos quais derivam a nova história cultural, produzida justamente no interior do marxismo inglês refletida em Thompson, e no movimento dos Annales da França. Assim sendo, para finalizar, afirmamos que a História Cultural é um instrumento realmente significativo com as imensas contribuições que dá, mesmo com suas limitações, para o trabalho do historiador nas suas investigações dos rastros e vestígios do passado, e na elaboração dos novos procedimentos de pesquisas enriquecidas com o diálogo em outras áreas do conhecimento. BOSI, Alfredo. *A Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CASTRO, Celso. (Org.). *Antropologia cultural/Franz Boas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. DARNTON, Roberto. *O grande massacre dos gatos. E outros episódios da História Cultural da França*. 4. ed. São Paulo: Graal, 1986.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

ELÍADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1999. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. ROIZ, Diogo da Silva. A nova história cultural. Questões e debates. *Pensamento Plural*. Pelotas, jan./jun. 2008, p. 181. VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 152.

Zélia Jesus de Lima, zeliajl@terra.com.br

FESTAS RELIGIOSAS E CORTEJOS NA BAHIA DOS SÉCULOS XIX E XX: AMBIENTES MIDIÁTICOS. A proposta deste estudo é mostrar como algumas Ordens Religiosas interferiam na organização das procissões ou nos cortejos das festas do Senhor do Bonfim, Corpus Christi e Senhor Morto, ressaltando os diferentes perfis e as redes de comunicação entre essas Ordens, os fiéis e/ou devotos, e outras entidades do gênero. As festas são celebradas conforme o calendário religioso divulgado pela Arquidiocese de São Salvador da Bahia, geralmente nos meses de janeiro, março e junho. Este texto toma os Estudos Culturais como instrumental teórico, incluindo as contribuições de Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Gilberto Durand, fazendo uma interface com a Semiótica. Discute-se o signo cultural para apreender as especificidades dos cortejos de Corpus Christi, Senhor Morto e Senhor do Bonfim, que tiveram suas origens nas tradições européias, trazidas pelos portugueses para o Brasil. Na Bahia, esses cortejos exteriorizam-se, na mídia impressa, como sujeitos históricos culturais e religiosos a partir do século XIX, mas desde os séculos XVII e XVIII, a vida religiosa movimentava-se na cidade. O olhar do texto com base nesse instrumental teórico apreende, de um lado, as razões de os cortejos terem contribuído para apresentar-se publicamente marcados por riqueza e pompa, tendo depois, declinado e não mais reconfigurado como um fenômeno cultural e religioso de grande dimensão. De outro,

III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura

busca-se entender o surgimento de um novo cortejo, o da festa do Bonfim, entre as décadas de 1930-1940, que difere dos dois primeiros sob o ponto de vista religioso. Este cortejo sobrevive, destaca-se pela presença de vários segmentos da sociedade, como as representações das culturas negras, sendo disseminado pela mídia globalizada. No passado, e ainda hoje, esses cortejos ocupavam pontos extremos da geografia de Salvador, denominada Cidade Alta e Cidade Baixa. Os cortejos antigos percorriam, e ainda percorrem, ruas da Cidade Alta, o Centro Histórico, incluindo Além Carmo, Pelourinho, Terreiro de Jesus, Praça da Sé, Praça Municipal, Rua Chile e Misericórdia. Já o cortejo da festa do Bonfim desloca-se pelas principais avenidas da Cidade Baixa até ligar-se com o bairro e a igreja do Senhor do Bonfim. Os pontos que caracterizam a diferença dos perfis entre esses cortejos são examinados por meio da Semiótica, conforme menciona Lucia Santaella (2010). Em primeiro lugar, busca-se esclarecer como as Ordens Religiosas se comunicavam com a cidade, devotos, visitantes e autoridades locais. Em segundo, tenta-se refletir sobre os elementos que caracterizam o problema do posicionamento das Ordens Religiosas e das práticas culturais envolvendo a organização da procissão e/ou cortejo com centenas de pessoas pertencentes aos diversos extratos sociais, não só da cidade do Salvador, mas de convidados procedentes das cidades do Recôncavo que viviam em função das atividades agropecuárias e, posteriormente, do petróleo e da indústria. O instrumental teórico faz uma interface com os documentos históricos, tais como: Atas das Ordens Religiosas dos séculos XIX e XX que registravam os gastos de cada edição dos cortejos, sobretudo a parte da gastronomia e a lista nominal dos convidados, contribuindo para se perceber a diferença do perfil entre um cortejo e outro, perpassando os objetivos dessas Ordens, e os escritos da mídia impressa, como as matérias dos periódicos *Jornal A Tarde* e *Diário da Bahia*, em particular através da coluna *Fatos Religiosos*, que descrevem os cortejos como acontecimentos de destaque na cidade e os caracterizam como um momento de confraternização cultural-religiosa e política da cidade. Em geral, as autoridades religiosas e seus convidados tendiam a ocupar, no cortejo, a linha dianteira da caminhada. Ou seja, os registros de imagens e descrições desses cortejos, através da mídia impressa, possibilitam refletir a comunicação política-religiosa e artística entre os fiéis e os elementos de fé no corpo dos cortejos, além das redes de relacionamento e/ou ambientes midiáticos.

**III Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação:
História Cultural e Semiótica da Cultura**

Apreender as práticas organizativas dos cortejos no campo das Ordens Religiosas, associadas à Semiótica, possibilita entendê-las como signos culturais que representam marcas na cidade do Salvador dos séculos XIX e XX. Assim, os cortejos, como instituição, são guiados para distinguir, claramente, a ocupação do lugar denominado Cidade Alta, que representava o centro das atenções político-administrativas, e a Cidade Baixa, o antigo centro comercial-financeiro, o Porto da Baía de Todos os Santos. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. DURAND, Gilberto. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Estratégias semióticas da publicidade*. São Paulo: Learning, 2010.